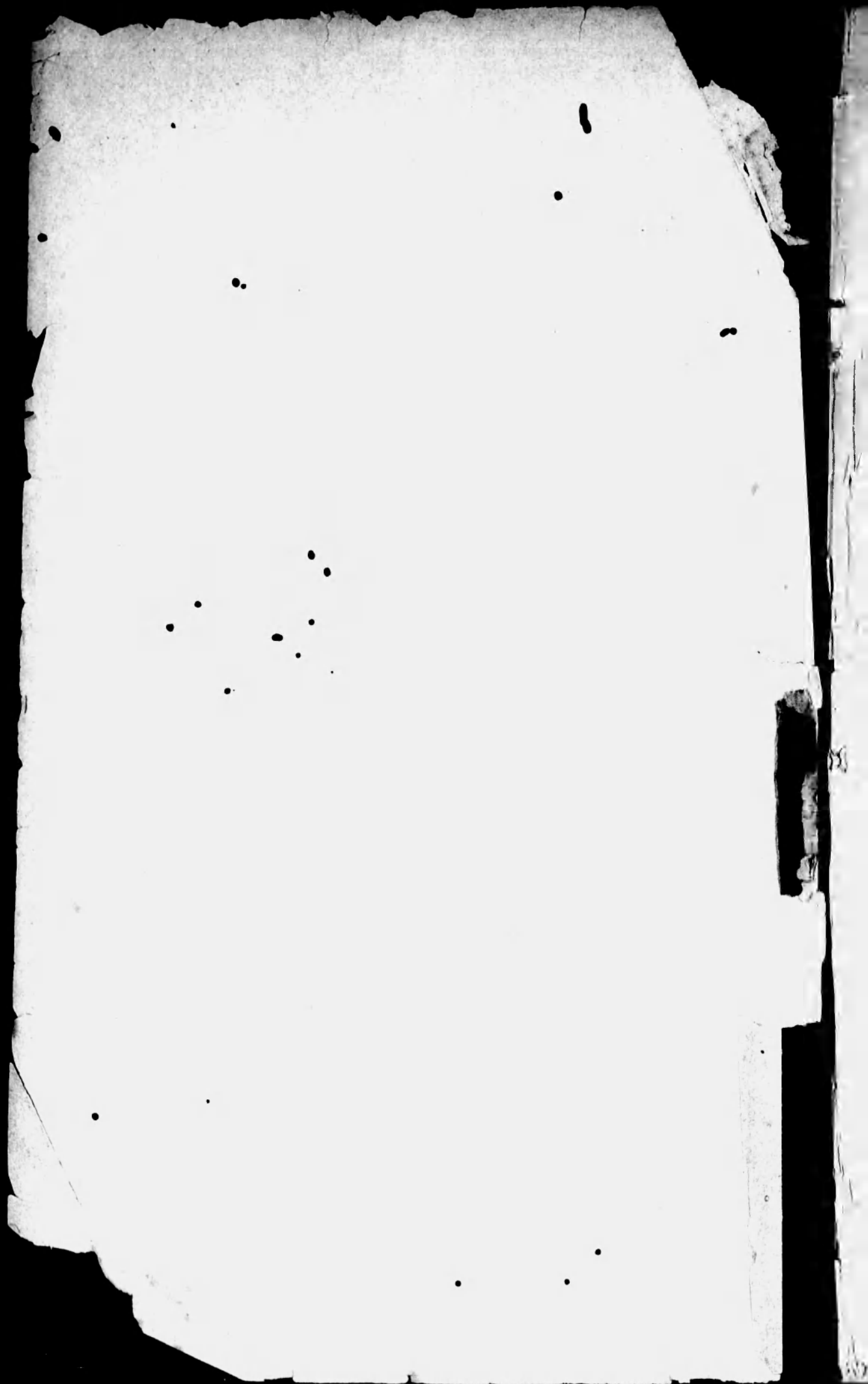


85, 3, 17

CANTOS DA MOCIDADE

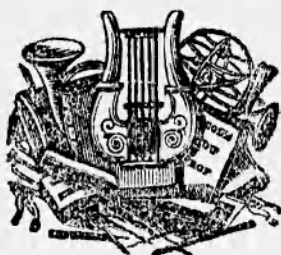


CANTOS
DA
MOCIDADE

POR

BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO

(VOLUME I)



RIO DE JANEIRO

EMP. TYP. DOUS DE DEZEMBRO DE PAULA BRITO

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

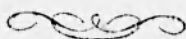
—
1856.



10426

1953

MEUS BENEVOLOS LEITORES.



Offerecendo-vos minhas insignificantes produções, tenho direitos á vossa indulgencia. Vós a deveis á uma patricia que, privada de instrucção, e guiada só pela força da sua inclinação, venceu mil tropeços, e difficuldades, mais faceis de conceber-se do que de explicar-se, para brindar-vos com a exposição dos sentimentos mais intimos de sua alma. Eu teria comtudo aproveitado mais alguma cousa de meus estudos solitarios, si trabalhos e perseguições inauditos não tivessem perturbado os melhores annos da minha existencia; não posso por tanto apresentar-vos uma offrenda mais digna das vossas luzes, e das do seculo; aceitai esta. Não ostentarei o ridiculo orgulho de fingir-me indifferente á opinião dos meus leitores; oh! que bem desejaria merecel-a favoravel, ao menos pela perseverança em um trabalho, que vexações de toda a natureza procuraram empecer. Si merecer a meus concidadãos uma favoravel accitação, muito agradeida lhes ficarei, e talvez possa ainda brindar-os com alguma composição mais cordata que esses delirios da juventude. É quanto tenho a dizer-vos, excepto sobre minhas traducções; vão imperfeitissimas até na escolha dos assumptos. Os meus poucos annos, e o limitado conhecimento que eu tinba do italiano, não permittiram que fossem melhores; mas a isso digo com Alfìere, e com muita razão que ellas são o fructo das vigílias de minha adolescencia, e não me atrevo a votal-as ao silencio.

Lêde-as por tanto, e julgae-as com equidade.

B. F. A. Brandão.



0 0

0 0

AOS MEUS CONCIDADÃOS

De mesquinha instrucção fructo mesquinho
Em meus cantos singelos vos off' reço,
Caros concidadãos; e a vós, mais bella,
Mais amavel porção da humanidade;
Delicia dos mortaes, e seu tormento;
Sensiveis, carinhosas brasileiras.
Do estro meu premissas amorosas
Do intimo do peito vos dedico;
São delirios de inhabil juventude,
Extremos da paixão que a tantos mata,
Alegria, e verdugo da existencia,
Onde a sorte despotica franqueia
Momentos de prazer, annos de magoa;
E o ente apaixonado, e delirante,
Exultando uma vez, muitas gemendo,
Vê deslizar o tempo entre os balanços
De esperança fallaz, e certos males!

Meu fiel coração vêde em meus versos:
Lêde, concidadãos; julgai propicios
Os cantos juvenís de uma patricia,

Que sem prévia lição, sem norte, ou guia
Meditou solitaria, e sem socorro
De amiga mão, que os erros lhe emendasse.
E que mais de uma vez viu consumidos
Por carvões devorantes os folhetos
Onde de seus estudos e vigílias
Os fructos tão queridos conservava!
Por um prejuizo vão, mas arraigado,
Negava-se instrucção ao sexo amavel;
Como si, conhecendo-se o perigo,
Não se está mais a alcance de evital-o!
Perseguição soffrí tão aturada,
Que só do genio a obstinada força
Vencer podia obstaculo tão féro!
Corajosa lutei, e si o triumpho
Não consegui completo, ao menos tive
A gloria da firmeza nos desgostos,
Nas privações, nas mil contrariedades
Com que atalhar quizeram a carreira
A que um violento impulso me impelia.
Eis, da minha constancia vos off'reço
O contestado fructo; pouco vale,
Mas valor lhe dará vossa indulgencia,
E serão bem acceitos como offrenda
De uma patricia, de uma brasileira.

À PATRIA.

Ergue o collo, ó Patria amada,
Teu triumpho alegre canta;
Da tenaz servil cadêa
Os livres braços levanta.

Raiou o dia supremo
Da tua felicidade;
Baixou do celeste Empyreo
O dia de liberdade.

Dia eterno, dia immenso,
Que meu éstro só compara
A aquelle dia em que o mundo
Das mãos do Eterno assomara!

Longo tempo o jugo infame
Da escravidão supportaste;
Mas já da razão armada,
O jugo infame quebraste.

Sustenta da natureza
Leis que d'ella recebeste;
Prosegue constante a marcha
Que afoita e livre emprehendeste.

Não mais temor, ou lisonja
Dobrar o collo te faça;
Assaz de amargosos males
Esgotaste a negra taça.

Feroz despotismo insano
A substancia te estorquia;
Capricho, ambição, orgulho
Era a lei que te regia!

De um throno em nuvens erecto,
De turba vil incensado,
Inaccessivel aos gritos
Do Brasil escravizado.

Baixavam leis fulminantes,
Impios decretos baixavam,
Que sempre um novo desastre
Ao triste povo intimavam.

Ao nome de inconfidencia,
Presupposto iniquo, e falso,
Banhavam ondas de sangue
Os degráos do cadafalso!

Piedosa, excelsa Maria!
Gloria de Lisia, e do throno!
A quantas iniquidades
Teu nome serviu de abono!

Tu querias perdoar
A fallaz, supposta offensa;
Mas teu ministerio infando
Fulmina lethal sentença!

Memoria sanguinolenta!
Memoria sempre execravell!
De vingança, e de fraqueza
Monumento detestavel!

No reinado glorioso
Da mais completa heroína
Poude o insano despotismo
Traçar do Brasil a ruína!

Ah! si em torno ao solio teu
Fieis ministros velassem,
Si os dictames de um congresso
Teus decretos regulassem;

Nunca ouviras, de mistura
" Co'os vivas da adulação,
Murmurando surdas vozes
As pragas, e a maldição.

Ternas, miseras esposas,
Filhos, por tão dura sorte
Entregues á vil penúria,
A' infamia peor que a morte!

Varões, que o jugo soffrestes
Da lei iniqua, e pesada,
Vêde ainda em vossos dias
Nossa Patria libertada. *

* Alguns que voltaram do degredo.

E esses que os ossos deram
A' adusta arêa sabêa,
Entoarão nos elysios
Vivas á augusta Assemblêa.

SONETO.

N'esta triste, e forçosa soledade,
Ausente dô meu bem, dos meus amores,
Exhalo em vão suspiros e clamores,
Busco em vão suavisar minha saudade.

Na clara luz, na feia escuridade
Cercam meu coração negros terrores;
Vejo turvos do sol os resplandores,
Não distingo do dia a claridade.

Assim vivo, assim soffro, e desfalleço;
Assim se vão meus dias consumindo
Aos golpes da saudade que padeço.

Meu bem, a morte já me está ferindo;
Vêm, em quanto de todo não pereço,
Minha alma suspender, que vai fugindo!

MOYTE.

*Fui ao templo de Gnido
Protestar escravidão;
O meu protesto foi este :
Morrer sim, deixar-te não.*

GLOSA.

Longo tempo eu resistia
De amor á doce prisão,
Temia o ferreo grilhão,
As settas fataes temia.
Amor, que de mim se ria,
Armou-me laço escondido;
Com simulado sentido
Os meus passos foi guiando,
Até que rindo, e brincando
Fui ao templo de Gnido.

Parei no portico quando
O primeiro passo dava ;
Meu coração palpitava,
Meu peito estava arquejando!
Com tibio pé, vacilando
Quiz fugir; amor então
Vibrando agudo farpão,
Meu peito a golpes desfez,
E entre suspiros, me fez
Protestar escravidão.

Lançando tristes gemidos
A' pyra fatal chegava ;
Minh'alma se rebelava
Contra os laços desabridos.
A meus turbados sentidos
Tudo de horror se reveste ;
Então, Tirse, me off'receste
De teu peito o terno ardor . . .
Por ti jurei sem temor,
O meu protesto foi este.

Prometto, protesto e juro
A ti, que de amor me inflamas,
Conservar as doces chammas
Que accendem meu peito duro,
Jámais te será perjuro,
Oh Tirse, o meu coração!
E aos numes de amor, que são
Vingadores da mentira,
Juro, pondo a mão na pyra,
Morrer sim, deixar-te não.

Todos os mottes são alheios; tenho glosas mais concis-
tuosas; porém dou só algumas destas, por indicar minhas
primeiras impressões.

MINHA LYRA.

Me non sdegne il biondo Dio,
Me con Fili unisca Amore,
E poi sfoghi il suo rigore
Fato rio, nemico ciel.

(Metastasio L'Estade).

Torna á mim, torna sonora
Minha lyra, meu thesouro;
Pregoeira da ternura
Cara prenda do deos louro!

Não de gregos, ou romanos
Quero os fastos recontar,
Nem de Galia turbulenta
Os triumphos memorar;

Não, amada, tu não foste
Aos furores consagrada;
Tu de assumpto sanguinario
Não foste inda profanada.

Nas abobadas de Jano
Os teus sons nunca se ouviram;
Tu não déste culto á Marte,
Nem a aquelles que o seguiram.

Tu só sabes de amor puro
Doces versos inspirar,
Brandos ais, ternos suspiros
Sabes só acompanhar.

Quando no meu coração
Mais a dôr imperio tem,
Tu me alentas, tu me animas
Co'as lembranças de meu bem.

Quando de féro receio
Sinto meu peito agitar,
Tu me lembras seu affecto,
E me fazes socegar.

Cara lyra, dom precioso
Ao meu amor consagrada!
Minha constante ternura
Será por ti decantada.

Não chegue sinistra mão
As aureas cordas ferir;
Só cantando meus amores
Teus acordes se hão de ouvir.

Dos verdes myrthos de Paphos
Duas laureolas faço;
Uma consagro ao meu bem;
Com outra a frente te enlaço.

O meu bem, a minha lyra
Conservai-me, ó justos céus!
Não ha outro, vós sabeis,
Objecto dos votos meus.

LYRA.

Si amor não se explica
Na dôr, no queixunhe,
Si é crime o ciume,
Onde existe amor?
Si devo em meu peito
A dôr suffocar,
Si devo estalar...
Quanto é duro amor!

Amar desta sorte,
Que lei tão cruel!
A um peito fiel
Que conhece amor!
Ah! quebrem-se os laços,
Os laços fataes!
Minh'alma jámais
Suspire de amor.

Apague-se a chamma
Qu'est'alma devora;
Já desde esta hora
Renuncio amor.
Esqueça o affecto,
Esqueça a ternura,
Já que fé tão pura
Não compensa amor.

Já livre respiro,
Oh céos, que ventura!
Yôou a amargura
Nas azas de amor!
Fugiu de meu peito
O deos fraudulento,
Cessou meu tormento,
Já não sinto amor.

Já posso indiff'rente
Vêr em novos laços...
Oh céos! n'outros braços
O meu doce amor?
Ah! torna a meu peito,
Perdôa os meus zêlos,
Meus caros desvelos,
Meu unico amor.

MOTTE.

*Vai-te, Amor, deixa-me em paz;
Vai outro sitio habitar;
Vai ao teu cruel dominio
Outros peitos sugeitar.*

GLOSA.

Que queres, Amor cruel?
Que mais pretendes de mim?
Porque maltratas assim
O meu coração fiel?
Do teu rancor todo o fel
Comigo esgotando estás,
Contra um peito que não faz
Resistencia ao teu furor:
Para que é tanto rigor?
Vai-te, Amor, deixa-me em paz.

Vai empregar teu farpão
Contra peitos rebelados,
Que resistem denodados
A teu pesado grilhão;
Deixa um triste coração
Que já soubeste domar;
Não receies que quebrar
Possa as cadêas que adora;
Não, não temas; vai-te embora,
Vai outro sitio habitar.

Em tuas aras cruentas
Minha vida consagrei,
A liberdade te dei:
Féro Amor, que mais intentas?
Deixa est'alma que atormentas,
Que cede a teu furor ignio;
Vai preencher teu designio
De outros triumphos e glorias;
Ajuntar novas victorias
Vai ao teu cruel dominio.

Que triumpho, que vangloria
Alcanças em abater-me ?
Contra um fraco peito inerte
Póde resultar-te gloria ?
Ah! pondera, que victoria
Não é rendidos domar;
Que um vencido atropelar
E' fraqueza, é vituperio;
Vai, Amor, ao teu imperio
Outros peitos sugeitar.

SONETO.

Caras letras! thesouro inextimavel,
Escriptas pela mão do bem que adoro,
Recebei estas lagrimas que choro,
Producções da saudade inconsolavel.

Em vós contemplo a expressão amavel
De um coração onde vaidosa moro!
Com meus ávidos beijos vos devoro,
Caras letras, thesouro inextimavel!

A meu peito agitado vos aperto,
Reliquias de um objecto idolatrado,
Oh! quem o vira, como vós, tão perto!

Mas em quanto de mim vive apartado,
Em vós derramo de meu peito aberto
Um coração, de amor todo abrasado.

MOTTE. •

O meu terno coração.

GLOSA.

Uma doce sympathia,
Que não tem definição,
Ao teu coração ligou
O meu terno coração.

Sem conhecermos ainda
Amorosa propensão,
Já vivia ao teu ligado
O meu terno coração.

Ao mesmo tempo abraçamos
O amor, e a razão,
E, em troca do teu, te dei
O meu terno coração.

Desde então fomos ligados
Em aureo, tenaz grilhão;
Nunca mais quiz liberdade
O meu terno coração.

Ou ferreas leis nos opprimam,
Ou dura separação,
Está sempre ao teu unido
O meu terno coração.

Laço de livre vontade
E' de amor a união;
Do teu não quer separar-se
O meu terno coração.

Longo tempo, longa ausencia
Não destroem terna affeição,
Eu o sinto, e bem o sente
O meu terno coração.

Ah, meu bem! si no teu peito
E' tão firme esta paixão:
Que mais póde desejar
O meu terno coração!

Não temo da Parca o córte
Alce contra mim a mão,
Como junto ao teu espire
O meu terno coração.

Então nos mesmos elysios,
Em perenal effusão,
Irá respirar co' o teu
O meu terno coração.

MOTTE.

*Bate, Cupido, as azas
Orvalhadas do meu pranto.*

GLOSA.

Sobre o coração que abrazas,
Que em viva paixão inflammas,
Agita as vorazes chammas,
Bate, Cupido, as azas.
Tu, que em aurea taça vasas
Agro fel e doce encanto,
Que co'os échos do meu canto
Do meu bem a dôr serenas,
Vai mostrar-lhe as niveas pennas
Orvalhadas do meu pranto.

SONETO.

Vôa, suspiro meu, vai diligente,
Busca os lares ditosos onde mora
O terno objecto que minh'alma adora,
Por quem tanta afflicção meu peito sente.

Ao meu bem te avisinha docemente,
Não perturbes seu somno, nesta hora,
Em que a amante fiel soluça e chora,
Talvez durma pacifico e contente.

Co'as auras que respira te mistura;
Seu coração penetra, e n'elle inspira
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Representa-lhe a amante que delira;
Em seu candido peito amor procura,
Vê si tambem por mim terno suspira!

MOTTE.

*Tu bem pôdes em segredo
Lixrar-me desta afflicção;
Dá-me um pouco de veneno,
Mata-me, por compaixão.*

GLOSA.

Caro Tirse, si em teu peito
Cabe negra ingratidão,
Si mais o teu coração
Não palpita á meu respeito,
Evita o funesto effeito
Do meu mal, em quanto é cêdo;
Mata-me, não tenhas mêdo
Que te culpem de homicida,
Porque privar-me da vida
Tu bem pôdes em segredo.

Si não chega o teu valor
Para traspassar-me o peito,
Si te horrorisa o effeito
Deste impulso de furor ;
Outro meio tens melhor
De ferir-me o coração,
Que evitando a compaixão
Annexa a humanidade;
Pódes mesmo, por piedade,
Livrar-me desta afflicção.

De um punhal o braço armado
Te faria criminoso,
E não vale o teu repouso
O meu sangue derramado.
Não seja d'elle regado
Tragico infausto terreno ;
Um esforço mais pequeno
Te ensinúa o meu amor;
Não é preciso valor,
Dá-me um pouco de veneno.

Da tua mão adorada,
Qual a celeste ambrosia,
Satisfeita beberia
Essa morte desejada.
Sim, meu bem, tão suspirada
Só foi do meu coração
Do teu a doce união ;
Mas si essa se difficulta,
Prepara-me morte occulta,
Mata-me, por compaixão.

QUADRAS.

MOTTE.

Instantes afortunados.

Duram momentos de dôr
Mais que dias espaçados;
Voam mais leves que o vento
Instantes afortunados.

Bem como ethéreos vapores
Sobre os zephyros alados,
Assim se elevam, e fogem
Instantes afortunados.

Eu vi instantes de gosto,
Mas tão depressa passados,
Que apenas soube que foram
Instantes afortunados.

Ceguei de perto a tocar
Esses instantes presados,
Que amor bafeja, e que chama
Instantes afortunados.

Mas amor, que não concede
Longo tempo os seus agrados,
Vôou, e levou consigo
Instantes afortunados.

D'aureo carcaz rutilante
Duros farpões aguçados,
Tem o lugar, que tiveram
Instantes afortunados.

Não espero mais conforto
A meus gemidos magoados;
Para mim são já perdidos
Instantes afortunados.

Jurou amor maltratar-me,
O mesmo juram os fados!
Cumpra-se a lei, de mim fujam
Instantes afortunados!

LYRA.

Penosos cuidados
Cessae de affligir-me;
Porque repetir-me
Que é Tirse traidor?
Um fado tyrauno
Me obriga a adoral-o;
Não posso odial-o,
Assim quer amor.

Ha dias que penso
Adoro um ingrato;
Me afflijo, me mato,
Mas cega-me amor;
Seus falsos protestos
De fé, de ternura
A' minha loucura
Dão novo vigor.

Si jura, si chora
Na minha presença,
Esquece-me a offensa
Do trahido amor.
Querer arrancal-o
Do meu coração,
É lutar em vão,
Não o soffre amor.

Detesto os meus ferros,
Quizera quebral-os,
Mas logo a beijal-os
Me constrange amor.
Não posso em meu peito
A chamma extinguir,
Não posso fugir
De Tirse, e de amor.

Disputo, e convengo
A minha razão;
Mas meu coração
E' presa de amor.
Conheço que é falso,
Cruel, inconstante;
Mas eu sou amante,
Mas rege-me amor.

Eternas cadêas
Me ligam, me prendem,
O peito me accendem
Incendios de amor.
Bem vejo, bem sinto
Que sou infeliz;
Meu fado assim quiz,
Assim quiz amor.

RETRATO.

*Ouvi, serranos,
Ouvi pastores,
Ouvi os dotes
Dos meus amores.*

Amo em segredo
Gentil pastor,
Que é linda imagem
Do deos de amor.

Ouvi, serranos, etc.

Em seu sisudo
Bello semblante,
Vê-se da aurora
A côr brilhante.

Ouvi, serranos, etc.

Os brancos lyrios,
As rubras rosas,
Não são tão puros,
Nem tão mimosas.

Ouvi, serranos, etc.

Na azul esphera
Dos olhos seus
Ardem, desmaiam,
Morrem os meus.

Ouvi, serranos, etc.

Da nivea testa
Ondados pendem,
Aureas madeixas,
Qu'est'alma prendem.

Ouvi, serranos, etc.

Na rubra boca
As meigas graças,
De rico aljofar
Fazem negaças.

Ouvi, serranos, etc.

Seu genio é doce;
A fé segura,
Alma mais pura
Não póde haver.

Ouvi, serranos, etc.

Sua voz meiga,
Sonora, e terna,
Move nas almas
Paixão interna.

Ouvi, serranos, etc.

Se á doce lyra
Applica os dedos,
De amor explica
Ternos segredos.

Ouvi, serranos, etc.

Tem porte esbelto,
Tracto agradavel,
Tem mil encantos,
E' todo amavel.

Ouvi, serranos, etc.

MOTTE.

Da terra cahì no chão.

GLOSA.

De ouro, prata, bronze, e ferro
Meu composto foi formado,
E sobre barro formado,
Por mysterio, não por erro.
Sobre os pés em vão me aferro;
Pois baqueio ao repelão
De pesada, ignota mão,
Que invisivel me fez guerra,
E como a base era terra,
Da terra cahì no chão.

SONETO.

De longo suspirar atenuados
Meus cançados sentidos vacillavam,
E os olhos brândamente se cerravam
De lisongeiros somnos affagados.

Em refulgente nuvem collocados
Vi Fortuna e Amor, que me buscavam,
E entre raios de luz, que dardejavam,
Mostram-me uma a riqueza, outro os agrados.

No aureo cofre seu a deusa errante
Os mais raros thesouros me off'recia,
Por que anhela a gente delirante.

Amor entre as mãos ambas escondia
Um nobre coração terno, e constante;
Esta joia aceitei, que amor trazia.

LYRA.

Porque meu peito
Assim maltratas,
Porque me matas,
Tyranno Amor?
Si do meu nume
Cruel me privas
Para que avivas
Meu terno ardor?

Si em outros braços
Vive enlaçado,
E deslembrado
Do meu amor,
A chamma extingue
Que me devora,
Vai-te em má hora,
Nume traidor.

Mas, céus! que digo?
Tirse perjuro!
Funesto auguro,
Mortal temor!
Deixa meu peito,
Que a dôr desola,
Tu me consola
O' meigo amor!

Quebrar seus votos
Não é possível;
Tirse é sensível
A' minha dôr.
Sua alma terna
Por mim se inflamma
E a viva chamma
Nutre de amor.

Tirse adorado
Torna a meu peito,
Por ti desfeito
De acerba dôr.
Sei que és constante
A meu desejo;
Mas não te vejo,
Meu doce amor.

ENDEIXAS.

Neste fresco umbroso vale
De boninas matizado,
Venho occultar dos viventes
Saudades do bem amado.

Aqui, só, n'elle pensando
Passarei os tristes dias,
Até que sua presença
Traga minhas alegrias.

De continuo memorando
De seu amor os agrados,
Exalarei de meu peito
Mil suspiros magoados.

Ao som da lyra, confuso
Co'o rude stridor dos ventos,
Ajuntarei de meu canto
Os fracos, roucos accentos.

Segue-me, lyra chorosa,
Terna lyra, tu me inspira;
Eu gemo, geme comigo;
Eu suspiro, tu suspira.

Faze patente o segredo
Do meu fiel coração
Só aos simples habitantes
D'esta muda solidão.

Avesinhas innocentes,
Que o meu tormento escutais;
Condoei-vos do meu pranto,
Só de vós fio meus ais.

Si algum dia separadas
Vivestes do par querido,
Comparai minha saudade
Com a que tendse sentido.

Dizei-me, si ha dôr mais féra,
Para um coração amante,
Do que vêr-se dividido
Do bem que adora constante?

Avesinhas innocentes,
Suspendei vossos agrados,
Acompanhai um momento
Meus gemidos magoados.

A vossa terna união
Exacerba a minha dôr;
Vós viveis de amor contentes,
Eu morro triste de amor.

Ausente do bem que adoro,
Scenas tristes só desejo;
Não vos mostreis satisfeitas,
Que o vosso prazer invejo.

Ajuntai a vossos cantos
Magoas do meu coração,
Cantai, mas seja sómente
Esta saudosa canção :—

Lilia, do seu bem ausente
Não vê o rosto á alegria;
Lilia vive suspirando
Triste a noite, triste o dia!

NOITE PRIMEIRA.

Stendea la muta notte 'l fresco amanto,
É piuvea 'l soporifero papavero
Che le miserie de' mortali addorma.

(Pepoli, l'Eremo).

Solta teu manto escuro, ó noite • âmiga,
Sobre a face da terra ;
Essa luz, que é dos tristes inimiga •
De meus olhos desterra !
Em tuas negras azas me recebe,
Em tua doce escuridão me encerra !

II.

Os olhos do prazer fêa te chamam ;
Mas porque não conhecem
Os suaves encantos que derramam
Nos peitos que padecem,
Tens effluvios benignos, quando partem,
Quando, a bem dos mortaes, ao mundo descem.

III.

Por ti, mimo dos céos, por ti anhela
Uma alma estrangida
Em teu seio derrama sem cautela
A torrente retida
Das lagrimas, que um barbaro decoro
Manda occultar da luz aborrecida.

IV.

Em ti só vêm os olhos reflectidos
Importunos objectos,
Não affectam a vista e os sentidos
Pensamentos selectos
Que o tumulto do dia desconcerta;
Em ti fecundam candidos affectos.

V.

Em teu silencio grave não se escuta
Mais que a voz da ternura;
Nem se confundem em penosa luta
Co'os prantos da amargura
Risos forçados, que o dever exige,
Cruel dever, que o soffrimento apura!

VI.

Em teu amplo regaço se repousa
A misera fadiga!
Em tua longa cauda magestosa
A tristeza se abriga;
Candida prole tua, em ti nutrida,
E das almas sensíveis doce amiga.

VII.

Tu és, ó noite opaca, e taciturna
Dos tristes a ventura!
Em tua ara de chumbo, ara nocturna
Sacrifica a ternura
Tu recebes seus votos em segredo,
Tu a eximes da barbara censura.

VIII.

Mas quam rapida passas, noite cara,
A meu terno desejo!
Quem dos encantos teus sempre gozára
O tumido bocejo!
Mas tão depressa corres, e me deixas,
Quanto o dia enfadonho me é sobejo!

LYRA.

Os suspiros.

Cançados suspiros
De amor desafogo;
Occultai o fogo
Que vos fez nascer,
Antes que a saber
Venham meu penar.

Calai-vos, suspiros,
Guardai-me segredo,
Que até tenho medo
Que algum passarinho
N'aquelle raminho
Me esteja a escutar.

Tornai, meus suspiros,
A entrar no peito;
Evitai o effeito
Da maledicencia,
Tende paciencia
Com tanto penar.

Queixosos suspiros,
Por que repugnaes?
As ancias mortaes
Vos lançam de dentro?
Buscai vosso centro
Tornai a entrar.

O' tristes suspiros!
Reliquias de amor!
Correios da dôr!
Porque, imprudentes
Meus males vehementes,
Quereis publicar?

Calai, meu suspiros;
Não mais demonstreis
Os males crueis,
Que assim delirantes,
Vos faz * incessantes
Do peito brotar.

* Fazem, devia ser.

SONETO.

Ah, meu bem! como é doce, como é bello
Arder de um puro amor na viva chamma!
Que prazer em minh'alma amor derrama!
Quanto, quanto é ditoso o meu desvelo!

Uma saúdade, um delicado zelo
Aviva da ternura a doce flamma;
E' tormento, sim é, para quem ama,
Mas anda a pena e o gosto em parallelo.

Este mesmo transporte, esta agonia,
Que distante de ti fere meu peito
Gera certo prazer na phantasia.

Eu gosto de penar por teu respeito;
Até morrer por ti me agradaria:
Tanto é meu alvedrio a ti sujeito!

LYRA.

*Ninguém nos vê, meu bem,
Podemos conversar.*

Escura corre a noite
A vista inutil é;
Um astro não se vê
Na esfera scintilar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

Os rapidos momentos
Agora por nós chamam;
Aquelles que não amam
Já foram descansar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

O campo escuro e ermo,
Os densos arvoredos
De amor ternos segredos
Só devem escutar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

Um zephyro suave,
Que as pandas azas move,
As vozes que nos ouve
Às grutas vai levar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

A fonte crystalina
Que baixo aqui murmura
Momentos de ventura
Não póde perturbar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

Meu bem, aproveitemos
Os rapidos instantes;
De amor votos constantes
Ao céo vamos jurar.

Ninguém nos vê, meu bem, etc.

UMA MENSAGEM.

Amor, perdôa a confiança;
De ti um serviço espero:
Não m'o recuses; eu quero
Que o meu bem vás procurar.

Ninguém como tu conhece
As penas que soffro ausente,
A dôr que este peito sente
Só tú a podes pintar.

Vai mostrar ao meu amado
As settas inda fumantes,
Que de meu peito estilantes
Acabaste de arrancar.

Pinta-lhe as duras prisões
Que arrasto captiva e prêsa;
E a viva chamma accêsa
Em que me vês abrasar.

E si és piedoso aos tormentos,
Que soffro nestes retiros,
Pinta tambem meus suspiros,
E meu continuo penar.

Pinta-lhe as lagrimas tristes
De que vês banhar meu rosto,
Meus pezares, meu desgosto
Vê si podes retratar.

Dize-lhe que nesta ausencia
Choro sem consolação;
Mostra-lhe minha afflicção,
E quanto o sei adorar.

Mas si ingrato aos meus suspiros,
Não vém logo consolar-me,
O cuidado de vingar-me
Só a ti deve tocar.

Crava-lhe farpões pungentes,
Lacera-lhe o coração;
Não te faça compaixão
Quem me quer tyrannisar.

Mas não, amor, não maltrates
Meu bem com tanto rigor;
Mostra-lhe só minha dôr,
E que a pode terminar.

QUADRAS.

*Dizem que amor tem doçura,
Para mim foi sempre azedo.*

Sigam amor por seu gosto
Os mimosos da ventura,
Que, sem conhecer-lhe os danos,
Dizem que amor tem doçura.

O seu veneno mortal
Por meu mal, o provei cêdo;
Esse deos tão meigo e doce
Para mim foi sempre azedo.

Conservei sempre em meu peito
Puro amor, viva ternura;
Outros, que nunca sentiram,
Dizem que amor tem doçura.

São suspeitos seus agrados,
E já delles tenho mêdo;
Não o creio, que o seu mel
Para mim foi sempre azedo.

Tenho nos laços de amor
Provado tanta amargura,
Que não ouço os que insensatos
Dizem que amor tem doçura.

Em amor tudo é amargo,
Tudo é dôr, sustos e enredo;
Amor, mesmo em seus agrados,
Para mim foi sempre azedo.

Lindos e fagueiros olhos
Cheios de amor, e ternura,
Não os creio quando meigos
Dizem que amor tem doçura.

O meu coração no peito
Palpita, e geme em segredo;
Teme amor; pois seu prazer
Para mim foi sempre azedo.

Mas apesar de temel-o,
Sinto amor, sinto ternura,
E sigo os mesmos, que errados,
Dizem que amor tem doçura.

Conheço o erro em que vivo;
Mas a seus encantos cêdo;
Não é doce? não o estranho;
Para mim foi sempre azedo.

SONETO.

De violentos contrastes embatido
Meu terno coração já mal resiste!
Triste o dia amanhece, e a noite triste
Inda mais negro faz meu mal crescido!

Traga á memoria o tempo decorrido
Imagem, que em minh'alma sempr' existe;
Doce, terna lembrança que persiste
Para maior tormento em meu sentido.

Recordo, caro bem, os doces dias
Em que amantes, ditosos, e contentes
Eu os teus, tu meus votos recebias!

Tudo o tempo mudou! Agora, ausentes,
Sujcitos a violentas leis impias,
Zombam de nós os fados inclementes!

MOTTE.

*Ternos ais em sangue tintos
Ao alto dos céos erguer,
E achar de bronze os Numes,
Ah meu bem, isto é morrer!*

GLOSA.

Negra dôr minh'alma enluta,
Sinto-me desfallecer;
Já meus dias vêm prender
Impia morte resoluta.
Em funesta, crua luta
Os alentos quasi extinctos,
Mudos suspiros succintos
Demonstram a dôr que calo,
E em segredo triste exhalo
Ternos ais em sangue tintos.

Em vão meus ais lacrimosos
Ao etheréo assento voam,
Em vão minha dôr pregoam
Meus suspiros dolorosos;
Meus tristes prantos queixosos
Meu continuo padecer,
Allivio não podem ter;
Tristes funestos amores!
Que vale inuteis clamores
Ao alto dos céos erguer?

Dize-me, amor, que delicto
Commetteu meu coração?
Porque, com tanta afflicção
Continuamente palpito?
Que combate, que conflicto!
Sentir n'alma férreos gumes;
Erguer ao céo frouxos lumes,
Morrer de dôr, e saudade,
Pedir aos numes piedade,
E achar de bronze os Numes!

Tirse ingrato, do meu mal
Adorado causador,
Vêm ouvir da minha dôr
Este gemido final;
Neste momento fatal
Os meus ais vêm receber,
Vêm minh'alma recolher,
Em teus labios, caro amante,
Pois viver de ti distante . . .
Ah meu bem, isto é morrer!

QUADRAS.

Suspiros do coração.

Escuta, meu bem, um pouco,
Um pouco dá-me atenção;
Verás como te procuram
Suspiros do coração.

Inda que longe vivemos
Em cruel separação,
Em meu lugar vão buscar-te
Suspiros do coração.

Não posso viver contigo
Em doce e grata união;
Mas de perto te acompanham
Suspiros do coração.

Occulto os extremos meus,
Suffoco a terna paixão,
Porém exhalo em segredo
Suspiros do coração.

Si, gyrando a ti d'em torno
Sentes leve viração,
E' sussurro que produzem
Suspiros do coração.

Do rôto, ferido peito
Em fervente borbotão
Espilram, e se atropelam
Suspiros do coração.

NOITE.

Spiri, che avete dolorose menti,
E intelletto d'amor, spirti bennate.
Qui venite, venite, è vostro porto;
É porte di delizie; un'alma chiostra
Che v'è dicendo a l'anima — sospira! —

(Pepoli. Il Eremo).

Já na celeste abobada scintilam
As nitidas estrellas,
E da noite sombria,
O taciturno horror
Desterra a branca lua
Co'o tremulante pallido esplendor.

Com brando murmúrio além resoa
A placida corrente,
A um zephyro suave
As arvores meneam,
E com sussurro brando
O tacito silencio lisongeam.

Apenas lá nas grutas cavernosas,
Se escuta a triste queixa
Do temerario amante
Que o seu pezar esconde,
E, do limoso lago
A malfadada nympha lhe responde. *

Ao longo da espessura se divisam
Informes, negras sombras,
Dos tortuosos troncos,
Que no horror seturno
Se alongam, e estendem
Ao tarão gyro do fulgor noturno.

A natureza dorme. . . Amor só vela!
Amor não tem repouso!
Os placidos encantos
Que a opaca noite enfeitam,
São feitos para amor;
Si os amantes nelles se deleitam.

* Metamorphose, original de Bocage.

Minh'alma apaixonada se recreia
Em doces reflexões;
Mil ternos pensamentos
Me levam ao meu bem;
Em meu pastor só penso:
Mas meu caro pastor porque não vêm?

Vêm, ó Tirse gentil, vêm consolar-me,
A' sombra deste pinho,
Na margem desta fonte,
Vêm, caro meu pastor,
Comigo aqui te assenta
A conversar, a suspirar de amor.

Mais doce me hade ser, mais agradavel
Dos astros a belleza,
Si unindo rosto a rosto,
Cerrando te em meus braços,
Eu puder contemplar
Esse céu, que formou os nossos laços

SONETO.

Meu coração palpita acelerado,
Exulta de prazer, de amor delira!
Novo alento meu peito já respira,
E' mil vezes ditoso o meu cuidado!

O meu Tirse, de mim vive lembrado,
Saudoso como eu, por mim suspira!
Que selecto prazer a est'alma inspira
A amorosa expressão do bem amado!

Cara prenda fiel dos meus amores,
Amada, suavissima escriptura,
Que em meu peito desterra vãos temores!

Com igneos caracteres n'alma pura
Grava, Amor, com teus aureos passadores
Estes doces penhores de ternura!

MOTTE

CANTIGA DAS LAVADEIRAS DO GAMBÁ, GLOSADO
Á MARGEM DO MESMO RIO.

*Corre, corre fonte clara,
Corre, corre, fonte pura;
Leva em tua companhia
Minha triste desventura.*

GLOSA.

Límpida fonte, que um dia
Me viste alegre e ditosa,
Quando a prisão amorosa
Em meu peito não sentia;
Hoje da melancolia
Vês em mim a copia rara!
Ah! fuge da pena amára
Com que turbo tuas aguas,
Fuge de ouvir minhas magoas
Corre, corre, fonte clara.

Apressa tua corrente,
Foge do meu mal á idéa,
Antes que te seque a veia
De meu peito o fogo ardente.
Mas não fujas, não, que a enchente
Do meu pranto te assegura
Em dous rios de ternura
O augmento a teus crystais,
Mais vagarosa a meus ais
Corre, corre, fonte pura.

Com murmurio mais manso,
Límpida fonte, murmura;
Minha cruel amargura
Contempla em cada remanso;
Como tu, o meu descanso
Fujiu e a minha alegria;
A negra melancolia
Só resta em meu coração:
Ah! tambem minha afflicção
Leva em tua companhia.

Leva meus ais descontentes,
Os meus tormentos atrozes,
Serão talvez mais velozes,
Tuas nativas correntes.
Leva os suspiros ardentes
Que exhala minha ternura,
Leva a cruel amargura
De meu peito, e minhas magoas,
Leva emfim em tuas aguas
Minha triste desventura.

A SAUDADE.

*Meu bem, escuta
Meus tristes ais.*

Impia saudade
Meu peito rala;
Minh'alma estala,
Não posso mais.

Meu bem, escuta, etc.

Passa-se o dia,
A noite chega,
Que est'alma entrega
A ancias mortaes.

Meu bem, escuta, etc.

Si um leve somno
Meus olhos cerra,
Fazem-me guerra
Sonhos fataes.

Meu bem, escuta, etc.

Cuido já ver-te
Em novos laços,
E que outros braços
Te prendem mais.

Meu bem, escuta, etc.

Tremendo acordo,
Pedindo aos céus
Que os sonhos teus
Não sejam taes.

Meu bem, escuta, etc.

Vê como é fino
O meu extremo;
Por ti só tremeo,
Por mim jámais.

Meu bem, escuta, etc.

Basta que sinta
Meu peito amante,
A cada instante
Dôres mortaes.

Meu bem, escuta, etc.

À TARDE.

N'uma tarde fresca e bella,
Quando o sol em seus desmaios
Despedia frouxos raios,
Já a esphera transmuntando,
Meus pezares disfarçando,
N'uma selva fui chorar.

*Amor condoído
De vér meu desgosto;
Imagens de gosto
Me veio pintar.*

De mim perto serpejava
Uma fonte crystalina,
Que errando pela campina
Lindos remansos formava,
E bolicosa agitava
Os verdes juncos no ar.

Uma brisa lisongeira
Os densos ramos movia;
Uma flôr ali cahia,
Outra incerta, voltejando,
Ia sobre a agua vogando,
Ou na relva ia pousar.

De brilhantes borboletas
Lêdo bando revoava;
Uma o mel da flôr succava,
A mesma flôr imitando,
Outra incerta voltejando,
Seu recinto ia buscar.

O emplumado cantor
Dando a salva derradeira
A travêssa companheira
Impaciente convidava,
E com carinhos a instava
O seu ninho a procurar.

Os balantes cordeirinhos
Junto ás mãis iam saltando,
Silenciosa ia ficando
A solitaria espessura,
E por entre a sombra escura
Se via a luz desmaiar.

Quando junto de uma rocha
Coberta de silva brava,
Terna rôla lamentava
Seu destino ao meu igual:
Terna rôla, que o seu mal
Junto a mim veio chorar.

*Amor impaciente
De vêr meu desgosto,
As scenas de gosto
Me veio roubar.*

Ah! cala-te, ave amorosa ;
Eu lhe disse suspirando
Que essa dôr que estás chorando
E' tambem a minha dôr !
Comigo aprende valor ;
Eu sei morrer, e calar.

Eu tambem como tu vivo,
Como tu tambem eu choro,
Ausente do bem que adoro
Soffro penas infinitas :
Palpito como palpitas,
Como tu vivo a penar.

Tu és menos desgraçada;
Tua dôr tem desafogo;
Eu devo occultar o fogo
Que abraza o meu coração:
Devo a dôr, e afflicção
Em meu peito concentrar.

QUADRAS.

Vêm surgindo a rubra aurora
Nos braços da madrugada;
De seu pranto rociada
Vejo a planta, vejo a flôr.

Aligero bando entôa
Doces hymnos innocentes,
E em seus gorgeios cadentes
Respiram prazer e amor.

Suave murmura a fonte,
Os brandos ramos se movem,
Ao longe as vozes se ouvem
Da serrana, e do pastor.

Abre a rosa matutina
O virgineo rubro seio,
De zephyro doce enleio,
Meiga negaça de amor.

Doces perfumes exhala
A assucena pudibunda,
E co'a angelica jucunda
Compete em cheiro e candor.

Ternas rôlas, fidas aves,
Em reciprocos carinhos
Unem rosados biquinhos,
Participam mutuo ardor.

Ah! só eu beijar não posso
O meu bem, o id'lo meu!
Amor fieis nos prendeu,
E é crime em nós o amor!

Que lei dura assim condemna
A mais justa das paixões?
Ah! quem pôde aos corações
Tão austeras leis impôr?

Justo Deos, quando creaste
A misera raça humana,
Uma sorte tão tyranna
Lhe destinou teu amor?

Quando no Eden portentoso
Os nossos pais collocaste,
Quando o pomo lhes vedaste,
Vedaste tambem o amor?

A maior de tuas obras,
O senhor da natureza,
Symb'lo da tua grandeza
Objecto do teu furor!!

Como, ó Deos, combinar posso
Tão féra contradicção?
Si é crime a doce paixão,
Não és desse crime autor?

Tu os sentidos nos déste,
Tu nos fizeste sensiveis,
E de paixões invenciveis
Nos entregas ao furor?

Ah! perdôa, eu me confundo;
Tu queres nossa ventura;
Tu prescreveste á ternura
Laço de virtude, e amor.

Leis tyrannas atropelam
Tuas santas leis augustas;
Formalidades injustas
Nos regem a seu sabor.

Ambição, vil interesse,
Caprichos, preocupações
Escravizam corações
Que nasceram para amor.

Sem união de vontades
Eterna união persiste;
E, onde amor não existe,
Manda a lei, serve o temor!

Tirse, ó Tirse! porque tremes?
Decidida é nossa sorte;
Desatar só póde a morte
Os laços do nosso amor.

Mão cruel, mão vigorosa
Te separa de meus braços;
Mas não quebra nossos laços,
Mas não vence nosso amor.

Embora á nossa união
Se opponha bruta avareza;
E' mais forte a natureza,
E' mais poderoso o amor.

SONETO.

Que fará o meu bem, o meu amado,
De tua terna amante dividido?
Talvez vive em prazeres envolvido,
Ou exp'rimenta ao meu igual cuidado?

Da minha pura fé vive lembrado,
Ou ter-se-ha de mim já esquecido?
Justo céo! não consintas que cumprido
Eu veja tão cruel, tão duro fado!

Eu por elle só vivo, só me alento
Do seu amor, da sua fé constante;
Seja mutuo o prazer, mutuo o tormento.

Eu padeço, e suspiro a cada instante:
Si o animar diverso sentimento,
As leis não calcará de um firme amante?

NOITE.

Io vorrei la mia vita eternamente
Trarre in aperto, e sempre in notte amica,
Si ogni ora a ghi occhi miei fosse lucente
Cinzia pudica.

(Pepoli la luna).

Derrama já, ó Phebe,
Teu humido esplendor;
Propicia ao meu amor
Os cultos meus recebe.
O' tu, que agora imperas
O gyro das esphas,
Nua te mostra, e bella, como um dia
O teu pastor em Latmo te via.

Dissipe o opaco horror
O rosto teu sublime ;
O' como amor exprime
Teu placido fulgor !
Não já do louro nume
Imploro o sacro lume ;
A ti, Delia gentil, bella irmã sua,
O teu auspicio busco, ó grata lua !

Si amante foste um dia,
Si em vivo fogo ardeste,
Si á terra já desceste
Por vêr quem te prendia ;
Os votos meus attende,
Amor tambem me accende ;
Incendio mais voraz meu peito inflamma,
E' mais viva que a tua a minha chamma.

O idalio, o cégo nume,
Na chaga que goteja
Solicito volteja,
Da setta o férreo gume,
Ausente, triste choro
Um doce bem que adoro !
Amor não se enternece de meus ais ;
Seus golpes cada vez me ferem mais !

Recebe, ó Delia pura,
Meus candidos suspiros,
Que a ti em brandos gyros
Conduz minha ternura;
São puros como os teus,
Os ternos votos meus;
Merece o meu pastor minha paixão,
Nem mais grato te fôra Endymeão.

Em quanto a ti d'em torno
Celeste gerarchia,
De estrellas á porfia
Te off'rece grato adorno;
Lá, nesse assento ethereo,
De teu sublime imperio,
Meu estro rege, o estro máo escusa,
Que terna te consagra minha musa.

SONETO.

Tirse, teus lindos olhos feiticeiros,
Teu olhar meigo, o terno teu sorriso,
Teus dotes juvenis, teu claro juizo,
Tantos, tantos encantos lisongeiros;

Si a estes predicados verdadeiros
Unes um'alma pura, um peito liso;
Si é constante a paixão, que em ti deviso,
Si teus votos não são votos ligeiros:

Si és amante fiel, quanto és amavel,
Si sentes quanto expressas, quanto juras,
E esse extremo de amor é perduravel...

Si estas phrases tão doces são seguras...
Ah Tirsel! meu receio é desculpavel;
São para um só mortal muitas venturas!

MOTTE.

Instantes afortunados.

GLOSA.

Amor me manda pintar
De viva côr animados,
Entre momentos de dôr
Instantes afortunados.

Doces, supremos intantes
Dest'alma tão desejados,
De tornar, meu bem, a vêr-te
Instantes afortunados!

É suave ao navegante
Vêr os lares desejados;
Mas inda ha mais do que estes
Instantes afortunados.

Vêr e beijar o seu bem,
Estremecer abraçados,
Estes, mortaes, estes são
Instantes afortunados.

Mutuamente suspirar,
Repetir votos jurados,
Quem não provou, não conhece
Instantes afortunados.

Só aos amantes ditosos
Em firmes laços ligados
Amor escaço franqueia
Instantes afortunados.

Mas como amor é tyranno!
Mil dias amargurados
Dá em troco desses poucos
Instantes afortunados!

MOTTE.

*Vivo sim : mas como vivo ?
Sem ti, sem os teus agrados,
Os meus dias venturosos
Se tornaram desgraçados.*

GLOSA PELA EVASIVA.

Musa, minha musa amada,
Onde te occultas de mim?
Porque foges, porque assim
Me deixas abandonada?
Torna a mim, ó musa alada;
Vêm, atea o fogo activo
Do meu estro; alto motivo
Me obriga a chamar-te agora,
E sem ti viver um'hora...
Vivo sim : mas como vivo ?

Tu só me fazes gozar
Da natureza os encantos;
Tu só melifluos cantos
Me ensinas a modular;
Si em bellas scenas tornar
Pude os montes escarpados,
Si estes vales assombrados
Pude ornar, tu me instruiste;
Mas hoje que farei, triste,
Sem ti, sem os teus agrados?

Tu a pintar me ensinavas
Da aurora a face risonha,
E a mesma noite medonha
De mil encantos ornavas,
Quando meu estro animavas
Com teus favores mimosos
De verdes loiros viçosos
A léda fronte eu cingia,
E de mil graças enchia
Os meus dias venturosos.

Hoje, porém, da amargura
Só vejo o triste semblante;
Não me eleva o céu brilhante,
Nem a bordada espessura!
Correr vejo a fonte pura,
Ouço os cantores alados,
Vejo os campos matizados...
Oh céos! são-me indiferentes!
Tanto os meus dias contentes
Se tornaram desgraçados.

CAUTATA.

De atrás nuvens os céos turbados vejo;
Escurece-se o ar, tudo ameaça
 Meu saudoso desejo;
Tudo meu gosto estorva e embaraça!
Fuzilou o relampago fatal...
As aguas cahirão para meu mal!
 Já na baça atmosphaera
 Se dissolve o frio humor
 Foge o triste agricultor
 De terror,
 E confusão.
Ai de mim! já não espera
Meu saudoso e terno amor,
Vêr o amado causador,
 Desta dôr.
 Desta afflicção.

Suspendei-vos, ó céos! deixai piedosas
Que a esta selva torne o meu pastor;
Consenti que as saudosas
Tristes agitações de um terno amor,
Um momento siquer, um só momento
Sejam trocadas em contentamento.

Mas em vão meus tristes ais

Dão ao ar ternos clamores

Bravos ventos rugidores

Vejo as flôres

Destroçar.

Já de liquidos crystaes

Vejo rios bramidores,

E os meus unicos amores

Seus rigores contrastar.

AIS.

*Amor, ai, basta amor,
Não me atormentes mais;
Vé como está meu peito;
Commovam-te meus ais.*

Almas enamoradas
Que afflictas suspirais,
Acompanhai um pouco
Os meus cançados ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

Si amor vos tem ferido
Co'os ferros seus mortais,
Ouví compadecidas
Meus abrazados ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

Por seus cruentos golpes
Sentimos parciaes;
Uní ás vossas queixas
Meus tristes roucos ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

Amor cruel, suspende
Os tiros teus mortais,
A compaixão te movam
Os meus afflictos ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

Já basta de rigores,
Amor cruel, não mais;
Esmorecer me sinto
A' força de dar ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

Amor, tu não me attendes?
De mim fugindo vais?
Almas enamoradas,
Ouvi meus tristes ais.

Amor, ai, basta amor, etc.

QUADRAS.

Fulgente estrella influio
No instante em que tive o ser ;
Apolo e o coro Aôneo
Presidiram meu nascer.

Na mais tenra puericia
Com as musas me intretinha ;
Muitas vezes de meus brincos
Erato apartar-me vinha.

Em pequena eburnea lyra
Debeis dedos ensaiando,
Paixões, que não conhecia,
Innocente ia cantando.

Minha propensão foi crime
Aos olhos que me observavam,
E para della apartar-me
Lêr poesias me vedavam.

Velho, e novo Testamento
Me faziam estudar,
E o tremendo Flos-Sanctorum
Cheguei quasi a decorar!

Eu soube os milagres todos
Dos heroes da santidade;
Revelações, penitencias,
Martyrios da antiguidade.

Em tanto, Camões, Bernardes
Que com cautela occultava,
Nas horas do meu repouso
Solitaria meditava.

Adoçou-se o captiveiro,
Obtive emfim liberdade;
Estendeu meu genio as azas
Nos annos da puberdade.

Alçou-se então contra mim
Da inveja a lingua ferina;
Meu estro foi reputado
Por fructo de impia doutrina.

Nunca frivola vaidade
Em meus versos influiu,
Nem torpe maledicencia
Da minha penna sahuiu. •

A' face do universo
Admirando a natureza,
Um ente eterno venero,
Que a creou, e a embelleza.

Adoro um Deos infinito,
Poderoso, eterno, immenso,
E não posso acreditar
Que seja á paixões propenso.

Sua lei Elle me ha dado,
Dentro de minh'alma a tenho,
Amando-o em meus semelhantes,
Meus deveres desempenho.

Os mesmos dez mandamentos
Em dous só são encerrados,
Amando a Deos e ao proximo
São fielmente guardados.

Este principio em minh'alma
Jámais apagar poderam,
As razões apparatusas
D'aquelles que o combateram.

A jejuns, a disciplinas,
Oh! não posso acomodar-me;
Deu-me Deos saude e força,
Assim devo conservar-me.

E' ir contra os seus preceitos
Suas obras alterar;
P'ra outros fins certamente
Elle me quiz animar.

Si só pão e agua, da fonte
Devem ser meu alimento,
Si de cardos e cebolas
Que me nutra é seu intento;

Logo por ociosidade
Creou tantos animaes,
Tantos fructos exquisitos,
Tantas vinhas, e olivães!

Porque nos deu os sentidos,
Si nos é o uso vedado?
Póde acaso um Deos benigno
Ter-nos esse laço armado?

Acaso os bens que creou
São para os irracionaes?
Esses limitam-se a um ponto;
Nós somos universaes.

Só o ente que discorre
E' capaz de seus louvores,
E, si aos brutos é igual:
Para quem fez Deos as flôres?

Os brutos não apreciam
Delicias da vista e olfato;
Colher, cheirar uma flôr
Eu nunca vi cão, nem gato.

Meu Deos! meu pai! eu sou grata
De teus dons conheço o peso;
Sei que o ente que illustraste
Não merece o teu desprezo.

Podem sim minhas paixões
Do teu preceito apartar-me;
Porém dentro de minh'alma
Tua voz sinto chamar-me.

Adorar-te, ser sensível,
Partir co'o pobre o meu pão,
Confessar o beneficio,
Teus preceitos estes são.

Nesta base estão formadas
Minha crença, minha fé;
No livro da natureza
Tuas leis minh'alma lê.

A ROLA
E
O PASSAGEIRO.

(Traduzido do francez o mais resumido).

PASSAGEIRO.

Que fazes neste restiro
Triste rôla descontente?

ROLA.

Choro a perda desgraçada
De um amor puro e innocente.

PASSAGEIRO.

Não temes perder a vida
Ao tiro do caçador?

ROLA.

Si não fôr sua impiedade
Será minha mesma dôr.

PASSAGEIRO.

Porque soltas, rôla,
Tão triste clamor?

ROLA.

A perda lamento
Do meu doce amor.

PASSAGEIRO.

Não temes te mate
Feroz caçador?

ROLA.

Si não fôr seu retiro
Será minha dôr.

PASSAGEIRO.

Que choras? rôla
Com tanta dôr?

ROLA.

Lamento a perda
Do meu amor.

PASSAGEIRO.

Não temes a arma
Do caçador?

ROLA.

Matar-me-ha antes
A minha dôr.

SONETO.

Vinte vezes a esfera tem doirado,
Do loiro Phebo o facho luminoso
E outras tantas o manto tenebroso
A noite sobre a terra desdobrado;

Tantas mil, caro bem, dilacerado
Meu terno coração triste e saudoso,
O tempo chora, o tempo precioso,
Que ditosa passei junto a teu lado!

Dias de gloria, dia de ternura!
Fiados de ouro, por amor tecidos,
Bafejados das graças e ventura!

Ah! recordem-te amores meus queridos
Desses dias a magica doçura,
E torna a consolar os meus gemidos!

MOTTE.

SEGUNDA VEZ.

*Vivo, sim! mas como vivo?
Sem ti, sem os teus agrados,
Os meus dias venturosos,
Se tornaram desgraçados.*

GLOSA .

Penas, cuidados, tormentos,
Combatem meu coração;
Só vivo para a afflicção,
Bebo a morte a tragos lentos.
Só existe aos sentimentos,
Em meu peito o sensitivo,
E neste mal excessivo,
Entre morrer, e viver,
Sem viver, e sem morrer
Vivo, sim! mas como vivo?

De uma existencia penosa
O fraco alento respiro;
Choro, padeco, suspiro,
Afflicta, triste, e saudosa.
Nesta ausencia rigorosa
Agitada de cuidados,
Os sentidos desmaiados
Já me deixam vacilante,
Assim passo delirante
Sem ti, sem os teus agrados.

Torna, meu bem, aos meus braços,
Torna, vêm, não tardes mais,
Que tenho de tantos ais
O coração em pedaços.
Momentos doces e escaços,
Caros momentos ditosos,
Que em meus braços carinhosos
Suspirando te apertava!
Que amiga sorte doirava
Os meus dias venturosos.

Fugiram, ó céos! fugiram
Co'a minha felicidade!
A pena, a dôr, a saudade,
Seu lugar substituíram!
Só em torno de mim gyram
Afflicções, ancias, cuidados.
Aquelles dias doirados
Que teus mimos possuí,
Depois que fiquei sem ti
Se tornaram desgraçados.

LYRA.

Tu que tens, meu coração
Que te sinto palpitar?
Sem allivio, descontente,
Tristemente
A suspirar.

Que receias, ou que temes,
Que com tanto receiar
Te subjeita um desatino
• De continuo
A suspirar?

O teu bem vive constante,
Por ti vive sem mudar,
No prazer, ou na amargura
De ternura
A suspirar.

Tu duvidas, tu vacilas,
Tu não podes socegar!
Ausente do bem amado,
Desmaiado,
A suspirar.

Ai de mim! debalde intento
Teus transportes moderar;
Desgraçada! em vão me canço,
Sem descanso
A suspirar.

Do teu doce bem privado
Tu não podes supportar
Os preceitos da impiedade,
De saudade
A suspirar.

Só pode um poder injusto
Nossas vistas apartar;
Mas verá um d'outro ausente
Mutuamente
A suspirar.

⊙ ANTO DA TRISTEZA.

Solitudine amenes! Cubre gradite!

(Trag. desostres).

Amada solidão!
Doce recreio de minh'alma amante!
Onde o meu coração
Respira, e se dilata! O scintilante
Igneo fulgor teu centro não conhece;
De cintia a luz em ti não resplandece.

De opaca sombra escura
Fatal decoro guardam-te as esphas
E, com lugubre adorno
Na muda região tacita imperas!
Aqui estende por guardar-te illesa
Magestoso docel a natureza!

Dos homens ignorada,
E até aos mesmos brutos formidavel
E's somente habitada
Do negro horror, e do écho lamentavel,
Que espalha em sinuosa cavidade
O misero cantor da escuridade!

Quanto horror accrescenta
Nesta, da noite, horrifica morada
A bulha surda, e lenta
Daquella agua profunda, e demorada!
O paludoso lago, que a recebe
Bem que a veja chegar não o percebe.

De amphybios asquerosos
Ruidoso som nos ares difundido
Aos sөpros vagarosos
De somnolentos zephyros unido,
Fórma surdo clamor, clamor de espanto,
Que aos desgraçados desafia o pranto!

A medonha ara é esta
Da hedionda tacita tristeza;
Divindade funesta
A quem dá culto a fragil natureza!
Neste concavo seio inaccessible
Encerra quanto tem de mais terrivel!

Audaz, insano amor!
Que a profanar te atreves o sagrado
Deste templo da dôr!
Tu só obrigas o mortal ousado
A penetrar os antros formidaveis
Que escondem estas sombras respeitaveis.

Tu, cruel, só me guias
Aos braços da mais negra desventura!
Tu enches os meus dias
De tristeza, de dôr e de amargura.
Sem ti, sem teu rigor, sem teus enganos
Correriam doirados os meus annos!

Misera condição!
Deploravel fraqueza! é pois possivel
Meu triste coração,
Que gemes infeliz porque és sensivel?
Si poderas de amor fugir aos tiros
Não conheceras prantos nem suspiros.

Mas, ó sensib'lidade!
Tu és o meu thesouro! Venha embora
Cruel adversidade
Roubar-me tudo o que minh'alma adora
Na dôr de tanta perda em ti me resta
Doce consolação, bem que funesta.

Afflicto coração!
Assás aos males teus tens resistido!
De indomita paixão
Muito ás ancias, e á dôr tens succumbido!
E' tempo emfim, que exales teu tormento
Em suspiros e ais de cento a cento!

Pezares que alimento,
Assiduas afflicções, negra agonia,
Dos males o augmento
Em receio cruel, suspeita impia,
Meu terno coração ferem, abraçam,
Meus olhos em continuo pranto arrazam.

Mas que? tu desfalleces
O' fraco coração! valor não sentes
Nos males que padeces?
N'uma vaga suspeita te desmentes:
Dos votos de constancia que fizeste?
Dos protestos, da fé que recebeste?

Ah! venham mais tormentos!
De firmeza meu peito tenho armado;
E a par dos sentimentos
De lacerante dôr, e do impio fado,
Será minha constancia inabalavel,
Como é minha saudade inconsolavel.

O' solidão sagrada!
Funesto asylo do amor mais terno,
De uma amante agitada
Os ais esconde em teu silencio eterno!
O' numes, deste templo habitadores
Occultai meus suspiros, minhas dôres.

SONETO.

Loiro nume, eu te cêdo o dom funesto;
Recolhe os teus thesouros preciosos,
Torna meus negros dias mais ditosos,
E retoma estes dotes que detesto.

Contra a lyra fatal odio protesto,
Fujo do Pindo aos échos sonorosos,
E em despojo dos loiros meus viçosos
Em terra lanço o desgraçado resto.

Ficai em paz, ó nymphas de Hyppocrene:
De castalia não turbe a lympha pura,
Meu pezar seu candor não envenene.

Já que me ordena a minha desventura,
Nos vivos raios dessa luz perenne,
Odios, perseguições, dôr e amargura!

SONETO.

Dos meigos olhos teus na azul esphera,
Como de ethéreos globos rutilantes,
Partem, ó Tirse, raios scintilantes,
Que est'alma abrazam, onde amor impera.

Prisões, doces prisões, que amor tecêra
De teus aureos cabellos ondeantes,
A nivia fronte, as faces rosejantes,
Onde os extinctos fachos accendera.

A phrase pura, o juizo delicado,
Graças gentis, encantos seductores,
Suave accento, canto modulado.

Franqueou-te natura mil favores,
Que te fazem, ó Tirse afortunado,
Gloria de Lilia, e mimo dos amores.

HYMNO À MAMÃ.

Já rompe a aurora
Co'os dedos rosados,
Os cimos doirados
Do longo oriente;
Já raio fulgente,
Alegra a campina,
E a luz matutina
Convida a saudar.

*Minha lyra amada,
Saudemos o dia ;
Minha voz tu guia
Com doce harpejo .*

Já sóbem do orvalho
Nas plantas e flôres,
Os subtís vapores
Em exhalações;
E doces canções
De aligero bando
Eu ouço trinando
O dia saudar.

Minha lyra amada, etc.

Gentil sociedade
De insectos volantes,
Em nuvens errantes
Nos ares se perde;
Um de ouro e verde
Vaidoso se veste,
E da côr celeste
Vejo outro brilhar.

Minha lyra amada, etc.

Só meu bem não vejo,
Onde está meu bem?
Ah! porque não vêm
Comigo cantar?
Vêm, Tirse, ajuntar
Teus hymnos aos meus,
E as graças de um Deus
Unidos louvar.

Minha lyra amada, etc.

NOITE.

O' Noite, dos mortaes consoladora,
Porque tanto te apressas em deixar-me?
Amada protectora!
Em tua escuridão deixa abysmar-me!
O teu gyro suspende;
Não me deixes tão cêdo, ó noite cara!
Porque de tuas sombras me és avara?
Em quanto o mundo rende
Cultos á luz do dia, eu só te adoro,
Eu só por ti suspiro, gemo e choro!

Recebe os cultos meus, Noite benigna,
Em teu seio os recebe compassiva,
Antes que a luz maligna
A separar-nos venha intempestiva.

Soffre pois que eu lamente
Minha cruel saudade, minha magoa,
Que meus olhos derramem rios de agua;
Que o dia não consente
De uma alma afflicta o desafogo justo,
E de continuo ao pranto afoga o susto.

Com teu favor, com teu sereno auspicio
Entre ferros descança o prisioneiro,
E co'um sonho propicio
Engana seu tormento verdadeiro.
A fragil natureza
Agitada do peso que a fatiga,
Em ti acha repouso, em ti se abriga;
Tu, da humana fraqueza
E's o conforto, o balsamo saudavel;
Tu lhe accalmas as penas, Noite amavel!

Mas descansar minh'alma não deseja
Em tuas sombras gratas; em meus lares
 Ha muito não adeja
Compassivo Morpheu, de meus pezares
 Em ti, só sollicita
Minha dôr desafogo: a liberdade
De sentir os tormentos da saudade:
 Minha pena infinita
Dilatar: de meus males intreter-me
De gemer, e chorar satisfazer-mæ!

Consolação não busco a meu tormento .
A meu peito é suave supportal-o;
 Mas peço-te um momento
De podel-o sentir sem publical-o
 Tu, ó Noite, me presta
Este momento, aos rogos meus propicia;
Não desejo em meu mal outra delicia,
 Que mais dita não resta
A quem padece os golpes da saudade,
Que gemer, e chorar em liberdade.

Vês, ó Nise, estes montes escarpados
Da natureza rustica adornados,
Sem ordem, sem alinhio, ou symetria,
 Crescendo a phantasia
O alto cedro, a lucida palmeira,
A argentina rubrica aroeira :

Vês esse vale inculto, onde serpeja
O regato, que límpido volteja
Precipitado do alto de um rochedo,
 Com murmurio lédo,
E, ora em gyro brincando, ora em remanso
Nutre o loiro socó, o enorme ganço?

Vês essa rocha agreste, coroada
De pontuda piteira, e enastrada
De verde mar'cujás, de giesta brava,
 E cuja base lava
Esse ribeiro puro, e preguiçoso,
«Que parece não corre de saudoso?»

Vês essa selva escura, onde não entra
Do dia a luz, e nella se concentra
Envolta em pranto, e em negra escuridade
 A misera saudade ;
Vê, ó Nise, dos tristes a ventura,
Um amor infeliz ermos procura.

Vê o asylo fiel de um'alma amante,
Que ferida do golpe penetrante
De vêr-se dividida de quem ama,

Aqui suspira, e clama
Os montes, as florestas, os rochedos
Testemunhas são só de seus segredos.

Vê os tristes prazeres, que saudoso
Busca o meu coração sempre ancioso!
A cada planta o meu tormento explico,

E logo muda fico
Nestes montes desertos, nestes vales
Contemplando na causa dos meus males.

Ao doce murmurio destas agoas
Ora canto, ora choro minhas magoas;
Extremos de um amor constante e fino

Suspiro de contino;
Estes antros repetem minhas vozes,
Meus tormentos crueis, ancias atrozes.

E quando ao declinar do claro dia
Estende o manto seu a noite fria,
Ao saudoso gorgeio destas aves,

Melifluas e suaves,
Ajunto os meus gemidos, os meus ais,
Da minha justa dôr ternos signais.

Si insensível não és, Nise querida,
Si a tua alma se abala enternecida
Ao clamoroso som de meus lamentos,
 A meus crueis tormentos,
Em teu seio recebe, nelle abriga
Os gemidos da triste, e terna amiga.

AMACREONTICA.

N'um vergel florido
Aglaiia dormia,
E laços traidores
Amor lhe tecia.

As irmãs lhe quebram
A dura prisão,
Busca Aglaiia o impio
Co'um dardo na mão.

Humilde o encontra,
Esquece a vingança,
E diz suspirando:
Ainda é criança.

LYRA.

Em gruta sombria
Que um bosque cercava,
Cupido entre as mãos
Seu rosto occultava.

Lilia compassiva,
Ainda que isenta,
Indaga o motivo
Que amor atormenta.

Parece agravar-se
Sua dôr sobeja,
E a simples pastora
O afaga, o beija.

Mas logo o travêso
Vibrando o farpão,
Traspassa de um golpe
O seu coração.

E diz, já voando,
« O tiro logrei ;
Suspira, tyranna,
Vinguei-me, triumphei.

A UMA AMIGA AUSENTE.

Eulalia, caro objecto
Do affecto meu vehemente,
Por quem suspiro ausente
De amor e de saudade;
Caprichos do destino
De ti me separaram;
Mas laços não quebraram
De fervida amizade.

▲ doce sympathia,
Que nossas almas liga,
Triumpho, doce amiga,
Da ausencia longa e dura.
Viva reminiscencia
Com doce e brando effeito
Desperta no meu peito
Imagens de ventura.

Fiel me pinta a ideia
Teus negros olhos bellos,
Teus lucidos cabellos,
Teus labios de carmim.
Do rosto teu sisudo
A placidez severa,
Aonde reverbera
A alma de um seraphim.

Essa alma, onde se abriga
Virtude tão sublime,
Que tanta fé exprime,
Tanta ternura inspira!
Tu, sabia sem orgulho,
Tu, bella sem vaidade!
Efluvios de bondade
Teu genio só respira.

Na pena, ou no prazer
Prudente, moderada,
E sempre dedicada
Ao bem, e á piedade.
Eulalia, és um thesouro
Da provida natura;
E's como os anjos pura,
Primor da divindade.

Inda infantinas graças
Teu lindo rosto ornavam,
Já nelle ressumbravam
Reflexos do saber;
Calada, pensativa,
As vezes meditavas :
Criança, que pensavas
No simples teu viver?

Nas horas que ao trabalho
Seguia-se o repouso,
Com genio estudioso
Aos livros te entregavas.
Alegres passatemplos,
Proprios da adolescencia
Só por condescendencia
Paciente supportavas.

E não se achava em ti
Triste misantropia ;
De placida alegria
Gosavas o prazer;
Nos braços d'amizade
Teus dotes se expandiam,
E dellas reflectiam
As graças e o saber.

Que dias preciosos
Passei junto de ti!
Como o prazer frui
De amar, e de existir!
A fonte murmurando,
Na margem odorosa,
No campo a flôr mimosa,
As aves a carpir.

Prendiam nossos passos,
Nossa atenção prendiam,
E gratos nos sorriam
Prazeres mil a mil;
Fugiu veloz o tempo,
Mudou-se o nosso estado,
Cubriu nembro pesado
O nosso céu de anil!

Fortuna sempre escassa
Ao merito subido
Tem barbara influído
Na sorte tua imiga;
Perdeste tudo, Eulalia,
No pai que te adorava,
E teu desgosto agrava
A ausencia de uma amiga!

Os laços desdenhaste
De amor e de hymeneu:
Quem sabe si perdeu
A patria em teu projecto?
Si em meio á uma familia
Por teus dictames pura,
Não viras da ventura
Brilhar o meigo aspecto?

Mas não; que ao menor choque,
Á sombra de um desprezo,
Teu coração sorpreso
Perdêra alentos seus.
Homem que apreciasse
Teu merito sob'rano,
Seria mais que humano,
Seria quasi um Deus.

Espera, doce Eulalia;
Talvez se apresse agora
A doce feliz hora
Do terno voto meu:
A Deos manda teus ais
Na dôr que te quebranta,
Que aos rogos de uma santa
Nunca foi surdo o céo.

SONETO

DO SNR. FRANCISCO INNOCENCIO FERREIRA NOBRE
EM LOUVOR DA INSIGNE CANTORA BRASILEIRA
A SNRA. D. HENRIQUETA CAROLINA DOS SANTOS,
GLOSADO PELA AUTORA, E OFFERECIDO Á MESMA
SNRA.

Que o primeiro sorrir da nivea aurora
E's mais pura, mais léda, mais formosa ;
Mais bella, mais gentil, mais graciosa
Que por entre rosaes a linda Flora.

Que o gorgeio do cysne é mais canora
A tua meiga voz harmoniosa ;
E' qual dos seraphins canção mimosa,
Mais que divina é tua voz sonora !

Si o canto soltas, cheio de ternura,
Com grato ouvido extasiado abranjo
Tudo o que o genio de mais bello apura.

Tu és da melodia o meigo archanjo ;
Tu és dos numes divinal feitura ;
Mortal não podes ser — tu és um anjo !

CLOSAS AO SONETO.

I.

A innocencia, a belleza, a sympathia,
Que em teu rosto formoso se admira,
De tua voz a angelica harmonia
Que transportes tão vívidos inspira
Movem em quem teu merito avalia
Assomos de adorar-te, e a tanto aspira,
Notando a graça em ti mais seductora,
Que o primeiro sorrir da nivea aurora.

II.

Não é tão bello na manhã serena
Vêr o roseo botão desabrochar-se;
Não é tão bello na campina amena
Vêr a relva de flôres marchetar-se!
Do mar, da terra á encantadora scena
Não pode quem te vê, arrebatarse,
Pois dessa perspectiva magestosa
E's mais pura, mais léda, és mais formosa!

III.

Tens nos olhos o amor, e no semblante
De graças e attractivos um thesouro;
De teu estylo raro, e voz brilhante,
Pode inveja sentir o delio coro!
Da corôa de Orpheu altisonante
Fez-te rico presente o numen louro;
Este dote te faz, virgem mimosa,
Mais bella, mais gentil, mais graciosa.

IV.

Admirando a belleza do teu canto,
O coração mais duro se enternece,
E, si exprimes da dôr o terno pranto,
A' inflexão da tua voz, geme, padece!
Diffundem sons mais vivos novo encanto;
A razão se desperta, a dôr esquece:
E's então mais sublime e encantadora,
Que por entre rosaes a linda Flora!

V.

Pode de teus accentos a harmonia
As portas amplexar do triste averno;
Podes abrir do orco a tetra via,
E roubar sombras ao tormento eterno!
De novo o deos tremendo sentiria
Arrebatarse a um sentimento terno;
Pois tua linda voz, quando deplora,
Que o gorgueio do cysne é mais canora!

VI.

Despendendo thesouros de harmonia
Da tua voz o magico volume,
Quando em clausulas fortes annuncia
Contraste de paixões ardendo em lume...
Arqueja o peito, a mente desvaria;
Já não sei si és mulher, si fada, ou nume!
Vendo quanto se eleva magestosa
A tua maga voz harmoniosa!

VII.

Em rápida volata aos céos erguida
Parece que nos foges, e trememos . . .
Logo em vago delirio, enternecida,
Corres por semitons os dous extremos!
Gloria ao teu nome; gloria merecida;
Dotou-te o justo céo de dons supremos;
Pois tua voz sublime e deleitosa,
E' qual dos seraphins canção mimosa.

VIII.

Esse grego sisudo e cauteloso,
A quem erguera a Grecia applausos mil,
Das sereias ao canto perigoso
Com astucia sagaz fugiu subtil;
Mas não fugira já, si descuidoso
Te escutára, ó Sirene do Brasil;
Pois vira que mais doce, mais canora,
Mais que divina é tua voz sonora!

IX.

Usar de estratagemas, que valera
A quem teus doces trinos escutasse?
Dos clarins o clangor se esvaecera,
E o magico concerto onde chegasse,
Não já cera; mas bronze derreteria,
Como em grisol ardente o ouro desfaz-se;
Pois derramas torrentes de doçura,
Si o canto soltas cheio de ternura.

X

O marmore se ergueu ao som da lyra,
Robres e cedros se descarregaram!
Monstros do mar, ao musico que expira,
Prestam dorsos robustos que o salvaram.
Mas ás delicias, que teu canto inspira,
Todas as maravilhas se eclipsaram;
Em teus accentos, attributos de anjo,
Com grato ouvido extasiado abranjo.

XI.

Hyperbole não ha, louvor não vejo
Que iguale de teu merito á valia;
Collocar-te em um throno só desejo;
Mas um throno de amor e sympathia,
Onde d'harpa celeste ao doce harpejo
Unindo de teu canto a melodia,
Diffundisse em diluvios de ternura
Tudo o que o genio de mais bello apura.

XII.

Tantos dotes te adornam, tanta graça,
Que vacila a razão em contemplal-os;
Fraco fôra o conceito, a voz escaça
Si a empreza tentasse de louval-os.
Tudo o que a ethérea região abraça
Imploro em meu favor para admiral-os:
Ente predestinado, tu és anjo,
Tu és da melodia o meigo archanjo!

XIII.

Honra da Patria, que nascer te vira,
De teus concidadãos orgulho e gloria;
A admiração que em torno de ti gyra
Te exalta ao templo de immortal memoria!
O entusiasmo, os extasis que inspira,
Teu talento, seguram-te a victoria;
Vieste ao mundo para dar ventura,
Tu és dos numes divinal feitura.

XIV.

Salve, deusa do canto, e da harmonia,
Que os sublimes mysterios profundaste
Das regras, da cadencia, da euphonia
Dess'arte divinal em que primaste!
Admiram-te todos á porfia,
Mil suaves affectos me inspiraste,
E contemplando-te, esta idéa abranjo,
Mortal não podes ser, tu és um anjo!

NOITE.

A noite se avizinha
Com grave, tardo passo;
O vasto longo espaço
Co'o negro manto cobre;
De todo lá se encobre
O verde da espessura;
Envolto em sombra escura
De todo se condensa o ar nublado;
É todo negro o campo socegado!

Como verei agora
Das rosas o matiz?
Junquinhos e jasmins
São todos de uma côr!
Não se distingue a flôr
Da relva, e em negro manto
Despidas já de encanto
A meus olhos escondem seus primores,
Talvez as calco aos pés, miseras flôres!

Mimosas habitantes
Da placida campina,
Não lamenteis ruína,
Não padeçais desmaios;
Os matutinos raios
Virão ao novo dia
Tornar-vos a alegria,
Levantareis os humidos cabeços,
Da fria noite, e de meus pés oppressos.

Deixai que vos procure,
Mimosas violetas,
Fragrantes e selectas !
Na triste noite escura
Meu gosto vos procura ;
Não pode a sombra fusca
Privar a quem vos busca
Do prazer de encontrar-vos, lindas flôres !
São os perfumes vossos delactores.

Nevadas açucenas,
Angelicas cheirosas
A' vista deleitosas,
No aroma peregrinas;
Dos vales e campinas
O ornato sois de dia,
E a mesma noite fria
Vos dá a conhecer na sombra escura,
Na fragancia vos vê quem vos procura.

Mas tu, muda saudade,
Suspiro delirante,
A vós é semelhante
O terno amor perfeito,
Que dentro do meu peito
Occulta os seus agrados,
Lá vivem encerrados,
Como em cruel, forçosa escuridade
O amor, o suspiro, e a saudade.

MISSIVA

DO SNR.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

A AUTORA.

Porque a tua lyra
Sonora e maviosa,
Outr'ora tão famosa
Agora se calou?
Illustre poetisa,
Foi p'ra ser escutado,
Que o céo com dom sagrado
Benigno te prendou.

Que ha feito emmudecer-te?
Talvez a desventura,
Ferrenha, má e dura,
Que em sorte o genio tem?
Custa o martyrio a palma:
Um louro o sangue custa;
Té a coròda augusta
Espinhos mil contêm.

Mas nunca, nunca a lyra
Fatal ao vale ha sido;
Que della enriquecido
De tudo a zombar vêm.
Vença o guerreiro embora,
E ganhe o verde louro,
Ou mesmo um throno de ouro,
Que inveja inda lhe tem.

O vate é sobre a terra
Raio de luz eterna,
Que brilha alma e superna
Na frente do Senhor.
Propheta annunciou-o,
E nos cantos de gloria
Alçou sua victoria,
Chorou a sua dôr.

Si elle ao céu se eleva
De luz lá se corôa,
E ao divo throno vôa,
Que é sua emanação.
Sua Patria é o infinito
Sua vida a eternidade,
Amor, Deos, liberdade
A sua inspiração.

Rei pelo pensamento,
Em inspirações immerso,
Domina o universo,
Sua lyra é seu poder.
Porém si a lyra abate,
Si infame vende o canto,
Então cheio de espanto
Seu estro vê morrer.

Assim a flôr mimosa,
Tão cheia de frescura,
Se ousada mão impura
Lhe as pétalas tocou,
O vivo esmalte perde,
E perde o seu perfume,
E toda se resume
Na terra que a gerou.

Ah! quando a luz sublime,
Egria, refulgente,
Borbulha resplendente
Na frente da mulher;
Então se curva o vate,
E a lyra não pulsada,
E a voz enclausurada,
Ouvir um anjo quer.

Assim Judith prostrada
Vê a seus pés a terra,
Quando depois da guerra
A voz ergue ao senhor;
Canta o heroico esforço,
Proclama a gran victoria,
Celebra a propria gloria
Seu hymno é seu louvor.

Ah! que eu emmudecera
Sómente p'ra escutar-te,
E assaz admirar-te,
Sim, que era meu dever.
Mas tu?.. oh! essa lyra
Tão bella, quam sonora,
Ah! pulsa-nos agora,
Ah! faze-a reviver.

Feliz por escutar-te,
O vate transportado,
De gozo tão sagrado,
Ah! mais feliz será,
Que apoz o triste canto
De peito enrouquecido,
Não nobre, não erguido
O teu canto ouvirá.

Na frente a luz brilhante,
De gloria o trilho aberto,
O teu triumpho certo,
A lyra é teu trophico.
E então em teus delirios,
Ah! vòa a immensidade,
E canta a eternidade
Que a terra escuta o céo!

RESPOSTA DA AUTORA.

Não se calou a lyra,
Antes com fiel memoria
Cantou da Patria a gloria,
Os males seus chorou.
No cimo da montanha,
Na densa selva escura,
Gemidos de amargura
Miserrima soltou.

Fraterno sangue esparso
Nos campos do terror,
Horrisono fragor
De troculenta guerra ;
Imagens furibundas,
De estrago, sangue e morte,
Em rabido transporte
Estremecendo a terra...

Oh! como ao som funesto
De tubas e canhões,
Trinar doces canções
A lyra poderia?
As cordas estalaram,
No peito a voz morreu;
E pavida pendeu
A mão tremula e fria!

Meu coração ferido,
Convulso, soluçante,
Na dôr agonisante
Gemeu, carpiu, tremeu;
Da Patria desolada
Os males me aterraram,
E as fibras estiraram
Do allicto peito meu.

E apenas o sulphureo
Vapor dissipa o vento,
E o campo inda sangrento
Se veste de verdura
Surge fatal contagio,
E hufos pestilentes
Milhares de viventes
Arroja á sepultura.

E em meio de gemidos,
De preces, de clamores
Redobram-se os horrores,
Perece a humanidade!
Esposas desoladas,
Parentes consternados,
Orphãos desamparados...
Deos! que calamidade!

E tu, Pai sempiterno!
As tuas creaturas,
Verias em torturas
Co'a morte em vão lutar;
Sem que piedade summa
Teu attributo immenso...
Meu Deus! como é propenso
O estulto a blasphemar!

Quem pode comprehender
Altos mysterios teus?
São só claros ao céus
Os juizos do senhor.
Ousei interrogar-te!
Oh erro, oh illusão!
Não pode a criação
Julgar o Creador.

Contempla, oh vate eximio,
O quadro atterrador,
Que em meio a tanto horror
Minh'alma contristou.
A tão funesta imagem
Inda suspiro e gemo;
Inda convulsa tremo,
Inda ferida estou.

Mas teus accentos meigos
Meu coração tocaram;
E a lyra despertaram
Do somno em que jazia.
Um astro novo doira
Minha existencia escura,
Já penso na ventura
Em sonhos de alegria.

Já nova inspiração
Na mente me accendeste;
De anjos visão celeste
Me encanta, me arreбата.
Por ti subo vaidosa
O alcaçar da memoria,
E em gozos de alta gloria
Minh'alma se dilata!

Aceita pois, oh vate,
Fiel dedicação,
De um puro coração,
De um coração sem véo.
E, si da lyra os échos
Protegem céos beninos,
Nas azas dos meus hymnos
Heide levar-te ao céo!

MOTTE

DE UM ORPHÃO.

*No instante em que nasci,
Nesse mesmo infausto dia,
Veiu basejar-me o berço
A cruel melancolia.*

GLOSA.

Negras furias presidiram
Meu infausto nascimento ;
Ao clamor de meu lamento
Aves tristes accudiram.
Os échos repercutiram
O vagido que expeli,
Sem conhecel-a carpi
Minha desgraça futura ;
Pois fadou-me a desventura
No instante em que nasci.

Descançando em gremio alheio,
Suquei alento mesquinho;
Não conheci o carinho
Do materno doce seio.
Sem amor, ou com receio
A meus choros se accodia,
Mercenaria sympathia
Meus somnos acalentava;
Pois minha mãe espirava
Nesse mesmo infausto dia.

Cruel sorte, iniquo fado!
Porque não morri com ella?
Porque quiz maligna estrella
Que vivesse um desgraçado?
Sem familia, sem estado,
Isolado no universo,
Soffro do destino adverso
O rigor sempre crescente,
Desde que a morte inclemente
Veio bafejar-me o berço.

Doce victima da dôr,
Que tão asinha perdi;
Porque não chamas a ti
O fructo do teu amor?
Observa com que rigor
Me persegue a sorte impía;
Meus tormentos abrevia,
Chama-me a ti, mãe querida,
E acabe em mim com a vida
A cruel melancolia.

o CANARIO PRESO.

Sentite, sentite
Quel caro angelino,
Il mio canarino
M'invita a cantar.
Ripete, mio caro,
Que dolci concerti,
Che cessano i venti
I lor sussurrar.

(Arieta antiga).

Musico dos bosques,
Canario mimoso,
Como é delectoso
O teu gorgear!

Em tuas volatas,
Em teus doces trinos,
Accentos divinos
Fazes resoar.

Alegre espanejas
As azas, cantando,
E assim vás passando
Sem outro cuidar.

Implume roubado,
Por felicidade,
Doce liberdade
Não viste raiar.

Não viste dos bosques
Os ramos frondosos,
Nem fructos gostosos
Podeste incectar!

Não viste dos campos
As flôres brilhantes;
Auroras radiantes
Não viste assomar.

Onde existe aquella,
Que em mimoso abrigo
Viu junto contigo
O dia brilhar?

Que sempre a teu lado,
Com doce carinho,
Delicado ninho
Devia formar?

Onde o doce fructo,
De amor puro e terno,
Desvelo paterno
Devia alentar?

No berço captivo,
Tu vêr não pudeste
Os bens que perdeste,
Nem podes pensar!

Em cantos de gosto
Occupas o dia ;
Mas tua alegria
Me faz suspirar.

Pobre passarinho!
Tua sorte ignoras ;
Por isso não choras,
E podes cantar!

Doce liberdade!
Prazer sobrehumano,
Do Ente sob'rano
Dádiva sem-par!

A quem não é livre,
Que serve o viver?
E' tudo soffrer,
Gemer e penar!

Canta, desgraçado,
Diverte teu dono;
Adoça-lhe o somno
Com teu gorgear.

Suavisa os cuidados
Do teu oppressor;
Do remorso a dôr
Procura aplacar.

Mas em vão; não muda
Tua infausta sorte;
Vira só a morte
Teus laços quebrar.

SOMNO

AOS ANOS DA SNRA. D. VIRGINIA DE MORAES.

Sonhei que via uma estrella,
Que vivos raios vibrava,
E della partia um anjo,
Que para a terra adejava.

No lindo infantil semblante
Brilhava doce alegria,
A subtil, dourada côma
Nas luzes se reflectia.

Trazia nas mãos mimosas
Um ramo de brancas flôres,
Exhalando em seus perfumes
Da castidade os primores.

Só tres flôres o formavam:
A rosa, o lirio, o jasmin;
O ramo vinha do céo,
O anginho era *Bimbim*. *

Pousou na terra contente;
Uma virtude buscava,
Todas achou na bell'alma
Da cara mãe que o beijava.

Virginea flôr de pureza,
Recompense teu carinho
O presente que aos teus annos
Offerece o teu anginho.

* Nome ficto, que dão ao seu filhinho.

SONETO.

Tudo dorme, ai de mim! tudo resente
Da natureza o placido repouso!
Só o meu triste coração saudoso
O suave descanso não consente!

Supportando da ausencia a dôr vehemente,
Em mil suspeitas vaga receioso,
Contempla o amante perfido, aleivoso
De outros braços cingido docemente.

Outros olhos nos seus estão fictados;
Outros labios nos seus estão libando
Seus suspiros a outros misturados.

E em quanto outros carinhos desfructando
Se esquece de meus candidos agrados,
Eu triste, e solitaria estou chorando!

AO DIA NATALICIO

DA

SNRA. D. CARLOTA JOAQUINA FERRAZ.

Oh Nymphas do loiro Tejo
Que a bella Lisia embalastes,
Renovai neste almo dia
A oblação que lhe votastes.

Mais amavel que Acidalia,
Lisia, feitiço de amor,
E' deste céo nova estrella,
Deste jardim nova flôr.

Transplantada do Occidente
A's serras Ouro-pretanas,
Faz honra ás Tagides bellas,
Dá gloria ás Americanas.

Duas Patrias ennobrece
Seu espirito sublime;
Seus encantos almas prendem;
Seu saber respeito imprime.

Neste dia, em que desponta
Mais risonha a rubra aurora,
Festões de jasmims e rosas
Entrelaça alegre Flora.

Sob seus pés brotam flôres,
Mil côres o campo veste,
Dos fulgores mais brilhantes
O mesmo céu se reveste.

Eis o dia mais jucundo,
Cercado de resplendores,
Que viram a luz primeira
Os seus olhos vencedores.

Goza pois, Lisia adorada,
Doce prazer sem mistura,
Nos braços do caro esposo,
No regaço da ventura.

MOTTE.

*Grande Deos, porque motivo
A criação emprehendeste?
Que os homens te offenderiam
Acaso não conheceste?*

GLOSA.

Justos céos! onde se funda
Esta lei que nos opprime?
Esta lei, que lei se exprime
Da eterna mente profunda?
Si a humana raça fecunda
Cresce no vicio nocivo:
Porque quizeste, Deos vivo,
O ente humano crear?
Porque o deixas propagar,
Grande Deos, porque motivo?

Acaso á tua grandeza
Servia a sua existencia :
Mas como contra a violencia
Lhe déste tanta fraqueza ?
Talvez erra a natureza
No dever que lhe impozeste ?
Não, que tu mesmo o fizeste
O primeiro racional :
Tu só, á ti mesmo igual,
A criação emprehendeste.

Não podias enganar-te,
Erra a nossa fraca mente ;
Tua lei é lei clemente,
Nella o erro não tem parte.
Nós devemos adorar-te ;
As leis da razão nos guiam,
As paixões não nos deviam
Destas leis indestructiveis ;
Nem pensaste, em ser sensiveis,
Que os homens te offenderiam.

Que idéa do teu poder
Nos dão as humanas leis!
Tyrannas, impias, crueis
Que aos mortaes fazem gemer!
Tu, que o mundo, a luz, e o ser
Em um momento fizeste,
Que as nossas almas encheste
Desse amor, que chamam vicio:
Que era em nosso precipicio
Acaso não conheceste?

Eu não devera produzir aqui os disparates que se seguem,
mas julgo necessario dar a razão da minha segunda glosa;
além de que não declaro nome.

GLOSAS

AO MESMO MOTTE.

Raça infernal de Calvino,
Que se extingua, praza aos céos!
Luthero, impios Athêos
São filhos do monstro indino.
Que se offenda um Deos benino,
Por fraqueza, é mal passivo;
Mas que soffras, ó Deos vivo,
Ultrajar-se a divindade,
Que soffras tanta maldade,
Grande Deos, porque motivo?

Tu, que prompto a castigar
Foste os Filhos de Helli,
Tu, que puniste a David,
Agora has de afrouxar?
Tu, que em bruto transformar
A Nabuco impio fizeste;
Tu, que a lei ao mundo deste
Gravada de tua mão:
De homens fieis porque não
A criação emprehdeste?

Porque creaste uma raça
De homens sem lei, sem razão,
A quem só um *Alcorão*
Mahometano satisfaça?
Do libertino o mal passa,
Que do bem aos mais desviam;
Raizes os vicios criam,
Que mal se podem cortar,
Quem, meu Deos pode pensar,
Que os homens te offenderiam?

Deos summo, immensa bondade,
Grande Deos! oh ser eterno!
Que não tema o cahos do inferno
Tão louca e infame maldade!
Mas como, si a impiedade
Nega o mesmo que disseste?
Oh tu, que o mundo fizeste,
E a tudo o que é creado,
Dos homens um tal peccado
Acaso não conheceste?

Eu empugno as leis humanas; elle reprehende a Deos:

O MESMO MOTTE EM RESPOSTA.

Si consiste o Atheismo
Em negar que existe um Deos,
Não podem os versos meus
Procederem desse abysmo;
Si detesto o fanatismo,
Adoro, e creio um Deos vivo,
Si em pintal-o compassivo
Só se empenha a minha ideia:
Como posso ser Athêa
Grande Deos! porque motivo?

Si, com discorde argumento
Mysterios nega Calvino;
Si Luthero em desatino
Fomentou scisma cruento;
Dos erros do entendimento,
Que paixões tornam em peste,
Oh meu Deos! tu não quizeste
Formar-nos um precipicio;
Tu, que só por beneficio
A criação emprehendeste.

A sciencia limitada
Dos mortais não te comprehende;
Todo o argumento se rende
Do mysterio á luz velada.
Os homens com mente errada
Um Deos feroz te annunciam
Os teus raios desafiam. . .
Contra quem? Quem pode crêr,
Conhecendo o teu poder
Que os homens te offenderiam?

O juizo se escurece,
Extravia-se a razão;
Mas dentro do coração
Tua crença prevalece.
Quem, meu Deus, te desconhece
Na lei geral que nos deste?
Tu, que de pó nos fizeste
Sujeitos a preconceitos:
Da tua obra os defeitos
Acaso não conhecestes?

QUADRAS.

Com que fina habilidade
Quatro seitas amassaste,
E dellas fizeste um bôlo
Com que me mimoseaste!

Só nesse bestunto cabe
Ser um ente mahometano;
Ser ao mesmo tempo Atheo,
Calvinista e Lutherano!!!

E depois desta amalgâma
Exquisita e caprichosa;
Explicaste em um estylo
Que não é verso, nem prosa.

Contigo o peão fidalgo *
Podia bem aprender,
Que ha uma linguagem neutra
Em que se pode escrever.

Continúa, meu farçola,
Quem hade arguir-te, quem?
Os teus versos tem medida,
Consoantes tambem tem.

A quadra deu quatro decimas,
E' este o usual effeito;
Tem de glosa, ou grosa o nome;
Assim tivesse conceito!

* Mr. Jordain.

RESPOSTA

A UMA CARTA EM VERSO.

Recebi, terno Belmiro,
Tuas saudosas endeixas;
Penetraram a minh'alma
Os échos de tuas queixas.

Quando me pintas o aspecto
De teu fado triste e incerto,
A minh'alma te acompanha
Nesse lúgubre deserto.

Eu te sigo aos ermos vales,
A's altas serras te sigo;
Eu participo os rigores
Do teu destino inimigo.

O teu pranto, os teus suspiros
São por mim acompanhados,
Quer na choça te detenhas
Quer vagues por esses prados.

E si acaso algum descanso
Põe meus sentidos em calma,
A imagem da tua dôr
Vem assaltar a minh'alma.

Já cuido vêr-te submerso
Em triste contemplação;
E esta penosa lembrança
Me apunhal-a o coração!

Si podessem os meus passos
Meus desejos secundar;
A teu lado me verias
Teu desterro acompanhar.

Aos échos da tua lyra,
Doces canções modulando,
Talvez pudesse tornar
O teu destino mais brando.

Eu te cantára, Belmiro,
As graças da natureza,
Que nos ermos mais agrestes
Sabe produzir belleza.

Sobre a margem de um ribeiro,
A' sombra de um bosque ameno,
Te faria contemplar
O aspecto do céo sereno.

Sobre a agua te mostraria
Os planetas reflectidos,
E nos ramos suspirando
Os Sassis enternecidos.

Terno Sabiá saudoso,
Ouvirias modular,
E os Melros assobiadores,
Aos Sainhís desafiar.

Doce Juruty saudosa,
Arrulando em sua dôr,
Ouvirias lamentar
Saudades do seu amor.

E quando a aurora mais bella
Visse no monte luzir,
Iriamos á floresta,
Bravos Cervos perseguir.

Enganando o longo tempo,
Com doce e grata illusão,
Eu seria a tua Cintia,
Tu o meu Endemyão.

Não só cadêas de amor,
Prendem as almas sensiveis;
Leis do sangue e d'amizade,
São laços indestructiveis.

Eu seria junto a ti
Uma amiga compassiva,
Só attenta a suavisar
De teu peito a dôr activa.

E quando visse em teus olhos
Raiar a doce alegria,
O fructo dos meus desvelos
Em teus sorrisos veria.

Aceita, caro Belmiro,
Votos da minha ternura;
• Não a acharás n'outra Tia
Nem mais viva, nem mais pura.

SONETO.

Doce lembrança de um amor ausente,
De tristeza e prazer vaga mistura!
Que ora meu peito abrazas de ternura,
Ora o tornas gelado e descontente!

Si contemplo de Tirse o affecto ardente,
As mutuas afflicções, a fé segura,
Transformam-se meus males em doçura,
Suave lenitivo o peito sente.

Mas quem sabe si ao passo que eu padeco
Que suspiro, que choro, e que supporto
De tão cruel ausencia o féro excesso;

Quem sabe si o meu bem. . . oh céos! conforto!
Não me atrevo a dizel-o! eu desfalleço!
Gélo de horror, de pena me transporto!

A ELMIRA

ALEIVOSA E INGRATA AMIGA.

Elmira, a tua censura*
Co'a razão é compativel;
Porém perdes o teu tempo,
Porque eu sou incorregivel.

Si me dêsse na cabeça
Fazer-me moura algum dia,
Nem S. Vicente de Paula
Converter-me poderia.

Vê tu, pois, o geniosinho
Com que tens de combater!
Quando julgo ter razão
Ninguem me obriga a ceder.

* Tinha uma zanga mortal aos meus versos.

A mulher da tesourinha,
Comigo em comparação,
Era uma pomba sem fel,
Um arminho, um algodão.

Esse teimoso, que o cópo
Sustentava ser de páo,
A' vista da minha teima,
Era uma sorda, um mingáo!

Tambem te devo advertir
Que sou rebelde a conselhos;
E quando delles preciso
Sempre os busco nos mais velhos.

Si eu não me opponho ao teu gosto:
Porque te has de oppôr ao meu?
Sigamos nossa carreira,
Diversas nos fez o céu.

Nas altas cavallarias
De Amadys e D. Duardos *
Faze teu fundo, que eu cá
Dou a todos quatro dardos.

* A esses livros, e outros que taes chamava a sua bibliotheca.

Antes quero aranhas vêr,
E grilos na minha estante,
Do que de tal barafunda
Occupal-a um só instante.

Teu espirito cultiva
Em livros tão proveitosos;
Embasbaca-te, pateta,
Nesses feitos assombrosos.

Até que, Dona Quixota, (*)
De aventuras anhelante,
Montada em bella achanéa
Te faças Donzella andante.

Cuido já que te estou vendo
Entre bravos combatentes,
Ser o preço disputado
De seus recontros valentes!

A's onze mil virgens peço
Te livrem de algum gigante;
E' gente mui mal criada,
Muito altiva e petulente.

* Toda a minha lição de cavallarias andantes inspirou-se no Ariosto, D. Quixote e Carlos Magno.

Podes dentro de uma Ilha,
Ou n'um castello encerrar-te,
E bem tarde lá iria
Um Paladino livrar-te. ;

O céo queira, minha alminha,
Dar-te boas aventuras,
E que lá por essas serras
Não te vejas em tremuras.

Mas tu sabes que ha conjuros
Mesmo soltados ao ar,
Que vão de um a outro pólo
Um cavalleiro buscar.

E este logo em continente,
N'uma serpente montado,
Ou n'uma nuvem mettido
Vêm valer o desgraçado.

Não te esqueças de levar
O balsamo peregrino,
Com que Ferrabraz curava
Do ferro o golpe malino.

Em Dom Quixote has de achar
Essa patente receita ;
A sua composição
N'uma almotolia é feita.

Julgo ser este o segredo
Ignorado em todo o mundo,
Que, por gloria desta idade
Deu á luz Dom Segysmundo.

Tambem te debes prover
De um Escudeiro prestante ;
E' traste que não escusa
Nenhuma Donzella andante.

E pois que deste apparelho
Não te podes eximir,
Não tendo emprego, o Venancio *
Talvez te queira servir.

Um anão inda te falta ;
Mas como isto é cousa rara,
Levando o Pereira * * levas,
A raridade na cara.

* Louco sisudo: é muito conhecido em Ouro-Preto.

** Pequeno, e horrendo homem desnarigado, a quem
chamavam— cara de raridade.

Tambem te aconselharia
Novas provisões de amor;
O N. está mui jarreta;
Busca joven defensor.

Depois disto, arruma ás costas
Toda a tua virgindade,
E vai buscar pelo mundo
Tropheos á tua beldade.

Talvez que então nesse tempo
Te agrade a minha poesia,
Quando absorta em teus triumphos
Tecer tua biographia.

Só poetas eternisam
Fama, que co'o tempo esquece;
Angelica não lembrára,
Se Ariosto a não descrevesse.

Se não gostares da historia,
Minha joia, tem paciencia;
Eu tambem soffro sem gosto
Tua estúpida demencia.

A ELMIRA.

Ora vamos, minha Elmira,
Vai dizendo o teu sermão;
O exordio é genuino,
Promette bella oração.

Não peças ave-maria,
Que em sermão leigo não uso,
E por isso desde aqui
Desse trabalho te escuso.

Não gostas que eu faça versos?
E porque, minha querida?
Não sabes que nelles tenho
Meu alento, minha vida?

Receias por compaixão
Vêr-me um dia enlouquecer?
E porque não enlouqueces
Co'os desejos de os fazer?

Ora, Elmira, quem te mette
Na cabeça tanta asneira?
Esperas com teus sarcasmos
Atalhar minha carreira?

Si Apollo te nega lume,
Nem quer ouvir o teu nome:
Deverei pagar as favas
Da inveja que te consome?

Meu genio me inclina ás artes,
O teu a não saber nada;
Da natureza te queixa,
Que te fez tão desastrada.

Bem patacas despendeu
Tua mãe, boa simploria,
Para vêr-te enfarinhada
Em francez, musica e historia.

Nestas prendas, e outras mais
Dez mestres tens estafado;
• E elles [negam a pés juntos
Terem-te nunca ensinado.

Todo o mestre tem orgulho
De apresentar sua alumna;
Mas os teus, por tua inercia,
Renegam essa fortuna.]

Vê, pois, de quem é a culpa,
Si não podes prendas ter;
Da natura, que entupiu-te
Os caminhos do saber.

Deixa pois de perseguir-me
Com tão nescias reflexões,
E procura que te pague,
Quem te encommenda, os sermões.

E em quanto o Delfico Nume
Doces versos me inspirar,
Hei de cingir-me de louros
Para fazer-te enraivar.

A UM BAPTISADO.

Erguei-vos, portas eternas,
Da sacrosanta Sião,
Levai, aguas do Jordão,
Vossos triumphos ao mar.

Exultem no céu os anjos,
Mortais, na terra exultemos;
A victoria celebremos
Do estandarte singular.

Salve, fructo desejado,
De esperanças e de amor;
Puros votos não louvor
Nós te vimos tributar.

Assoma, germen mimoso,
De puro tronco brotado,
Vêm das virtudes ao lado
Nossos hymnos escutar.

Feliz no primeiro instante
Que pisas a Patria amiga!
Meiga protecção te abriga
De dous Padrinhos sem par.

Descança nos ternos braços
De tão generosos guias;
Do patrio metal, teus dias
Brandas Parcas vão fiar.

Excelsos, firmes apoios
Desta palmeira crescente,
Possais vêl-a florecente
Té ás nuvens remontar.

Em tanto, copia amorosa,
Exemplo de casto ardor,
Votos de amizade e amor
Nós te vimos dedicar.

Aceita votos constantes
De sinceros corações;
Que só puras expressões
A amizade sabe dar.

SONETO.

Natureza, não sou contigo ingrata,
Conheço que alguns dotes despendeste
A meu favor, porém no que me déste
Veio incluída a causa que me mata.

Déste-me, bem o sei, um'alma grata,
Nella do bem os germes dispozeste;
Um genio que não é de todo agreste,
Uma voz que os ouvidos não maltrata.

Inda tenho outros bens da tua mão,
Que me ensinas prudente a desprezar,
Pois pertencem do tempo á possessão:

E como posso altiva blasonar,
Si me déste tão fraco coração,
Que foi tudo ao Deos cégo consagrar?

LYRA.

Oh somno agradavel,
Imagem da morte!
Minha cruel sorte
Faze-me esquecer.
Dest'alma desterra
A triste lembrança,
D'aquella esperanza
Que vi fenecer.

Em meus tristes olhos
Cesse amargo pranto;
Ceda a teu encanto
O meu padecer.
Accalma os transportes
Do meu coração,
A minha afflicção
Faze adormecer.

Ao menos dormindo,
Suspenso o martyrio,
De um doce delyrio
Eu goze o prazer.
Eu veja sonhando
A imagem querida,
Que só me dá vida,
E me faz morrer.

SONETO.

Sólta embora, oh fortuna, aurea madeixa,
Não me elevam teus dotes singulares;
Troveja em teu furor nuvens de azares,
Não obterás de mim gloria nem queixa.

Benigna abre teu cofre, avara o feicha,
Não me inspiras prazeres, nem pezares,
Não queimarei incenso em teus altares,
Deusa voluvel, de tentar-me deixa.

Inabalavel é minh'alma amante;
Não te adora, nem teme; um nobre instincto
Desprezar sabe o teu favor volante.

Meu peito sente affecto mais distincto;
Um instante de amor, um doce instante
Vale mais que os thesouros de Coryntho! *

(*) Ha nm tempo em que se pensa assim.

A AUSENCIA.

Já começa a raiar a rôxa aurora
No regaço da terna madrugada;
Das crystalinas lagrimas que chora,
Deixando a espessura rociada.
A' sua luz desmaia, e descolora
A côrte das estrellas argentada;
Desapparece, emfim, que sem desmaios
Não póde sustentar de Phebo os raios.

Que scena vâriada, e graciosa!
Que encantos mil off'rece a natureza!
Aqui a linda rosa abre mimosa
Os occultos thesouros da belleza!
Além resôa a fonte sonora,
Balançando a liana ás margens prêsa,
E as aves com suave melodia
Salvam com doce trino o novo dia.

Mas que novo esplendor, que viva flama
Ó horizonte abraza, e esclarece!
Toda a ethérea abobada se inflamma,
Rasga-se a nuvem, Phebo resplandece!
Com os tremulos raios que derrama
O matutino orvalho desvanece;
Oh luminar brilhante, e por mil modos
Segundo creador dos entes todos!

Derrama os raios teus resplandecentes
Sobre a face da terra humedecida,
Que não podem teus raios refulgentes
A minh'alma animar desfallecida!
Só sabem os meus olhos descontentes
Lagrimas derramar em triste lida;
Pois ausente de um bem, que se ama e préza,
Perde todo o esplendor a natureza!

Tirse, meu doce amor, minha alegria,
Que tão longe de mim agora existe,
Pode ser que esquecido da agonia
Em que envolta deixou minh'alma triste!
Talvez se esqueça que de noite e dia,
Sómente nelle meu cuidado assiste;
E quem sabe, ai de mim! si tanto affecto
Será de ingratidão misero objecto!

O meu bem não me escuta, não me entende;
Seus ouvidos não tocam meus clamores;
Engolfado em prazeres, não attende
A vehemencia cruel de minhas dôres!
Do féro incendio, que de amor me accende,
Não devoram seu peito impios ardores;
Vive sem mim contente, e eu padeço
Porque do seu amor jámais me esqueço.

Escuta, ingrato, os miseros lamentos
De uma amante fiel que te suspira;
Que sobre as azas dos ligeiros ventos
Te envia os échos da saudosa lyra.
Si ouvires lá os lugubres accentos
Nessa plaça onde a sorte te retira,
Dize: são estes do meu bem os ais;
Os ultimos são já; não vive mais!

Deixa, Tirse cruel, deixa o festejo
Dessa terra, que tanto sorprehende!
Vêm saciar o fervido desejo
De um coração que só por ti se accende.
De demorar-te mais, razão não vejo;
Solta o féro embarço que te prende,
Sulca de novo as ondas argentinas,
E torna, doce bem, á patria Minas.

Si em seus campos a vinha não viceja,
Si a oliveira não borda seus oiteiros;
A loira canna ali nectar goteja,
Enche messe abundante seus celleiros.
Si lyra alticadente não harpeja,
Desses cultos cantores prazenteiros,
Tambem doces canções amor inspira,
Tambem a meiga avena amor respira!

Altas palmeiras, cedros verdejantes
Exhornam nossas placidas campinas;
Soberbos pinhos, balsâmos fragrantés
Dão sombras agradaveis e beninas.
D'entre jasmíns e lyrios alvejantes
Vêem-se brotar papoilas e boninas:
Espinhos nestes vales não se pizam;
Tambem de lindas flôres se matizam.

Gigantescos rochedos são toldados
De sempre verdes mar'cujás frondosos;
De frescas, puras aguas são regados
Serpeando entre juncos buliçosos.
Lá mesmo nos sertões mais retirados
Se encontram diamantes preciosos,
E onde mingua de Ceres o thesouro,
Das arêas se extrahe o metal louro.

Na margem solitaria, e balça amena
Saudoso sabiá terno modula;
E a vola lamentando a sua pena
No denso bosque solitaria arrula,
Azul-aureo saahí a doce avena,
Com seus longos gorgeios estimúla:
Vêm, meu bem, vêm ouvir como se queixa
A doce juruty si o par a deixa!

Vêm ouvir o canario que gorgeia,
O alegre patativo em tom subido,
E o faceto inhampim, que se recreia
Arremedando a todos presumido;
O loquaz papagaio que alardeia
Phrases estranhas, que aprendeu de ouvido;
Vêm ouvir da araponga as marteladas,
Que ao viandante enganam nas estradas.

Vem vêr como, no ar equilibrado,
Namora o beija-flôr a linda rosa
E co'o bico subtil e delicado
Imprime beijos mil na flôr mimosa;
Ora se mostra verde, ora doirado,
Foge, revôa, e torna ao bem que goza:
Assim, oh Tirse, a tua terna amante
Quereria beijar-te a cada instante!

Si não voltas, oh caro! si demora
Inda a sorte cruel tua partida,
Bem cedo saberás que quem te adora
De saudade, e de dôr perdeu a vida.
Bem que tarde, talvez que de hora em hora
Sintas a alma de pena enternecida,
E digas — o meu bem morreu constante;
Eu fui seu assassino, ingrato amante!

A

SEPULTURA DE MEU PAI

Silencio, escuridão!

Par solemne!

Augustos filhos da antiga noite!

(Yung Noite).

Agora, que em silencio a Natureza
Parece repousar, e tetra, sombra
Envolve o céo e a terra... oh! como é doce
A um coração de golpes ulcerado
Solitario gemer no asylo extremo,
D'aquelle que no mundo tanto amára!
Do somno perenal leito funéreo,
Habitação da morte, eu te saúdo!
Dá que eu toque, oh meu Deos! a urna sagrada
Do meu querido Pai! Guiai meus passos
Instincto filial, terna saudade!

Já cinjo e beijo a lousa preciosa,
Que encerra o meu thesouro! sacro objecto
De tanto affecto, lagrimas e dôres!
Recebe os tristes ais da triste filha
Que perdendo-te, em o mundo perdeu tudo!
Oh! como é pavoroso este silencio!
Nuvens de negra côr o ar toldando,
Da lua a face pallida sombreiam;
Uma estrella siquer no céo não brilha
Para guiar-me em tão medonha treva!

Oh meu Pai! tu me vês do ethéreo accento
Onde a virtude o justo premio alcança!
Contempla a triste filha, a filha amada,
Que de tanta ventura enriquecias,
Quando vaidosa aos braços teus voava,
E beijando contente a mão paterna,
Via todos seus votos exaltados!

Oh! que não tenho lagrimas que bastem
Para chorar tão lamentavel perda!

Nos braços de uma mãe inconsolavel,
Longe de alivio ter, crescem meus males;
Consterna-a minha dôr, mata-me a sua!
Duplica-se a amargura, a magoa, o pranto!
Uma imagem funesta se me antolha...

Oh meu Deus! esta idéa atterradora
As forças me aniquilla; eu não resisto!
Dá conforto a meu peito lacerado,
De esperança e de fé enche a minh'alma,
Para que possa em tanta desventura
Os deveres cumprir que a natureza,
O amor, a gratidão, a humanidade
Com poderosa voz me estão dictando.

MEMORIA

Á SEPULTURA DE MINHA MÃI.

Lousa da morte, que em teu seio encerras
O precioso objecto lastimado
Da mais pura afeição dest'alma minha,
As cinzas de uma mãe tanto chorada!
Roubou-a a morte d'entre os debeis braços
Da desolada filha! aos ais, ao pranto,
Aos gritos da agonia, cega e surda,
A victima empolgou! oh céos! perdi-a!
Inda na flôr dos annos vi murchar-se
A flôr de minhas doces esperanças!
Vi perecer aquella, que extremosa
Protegeu minha infancia, e que mais tarde,
Com o exemplo e conselhos me mostrava
A senda das virtudes que exercia.
Severa alguma vez, nunca iracunda,
Meus erros infantís eram punidos

Só co'a seria expressão de seu aspecto,
Que me era mais sensível que o castigo.
Abrazada em sublime caridade,
No ente mais abjecto me indicava
Um proximo, um irmão, santa doutrina,
E verdadeira lei do Nazareno.
Quando a luz da razão brilhou mais viva
A' minha intelligencia: que cuidados,
Para apartar de mim futeis vaidades,
Perigosas leituras, vãos caprichos!
Ah! si todos vingassem seus desvelos,
Si eu seguisse constante os seus dictames,
Um compendio seria de virtudes!
Santa mãe! já no empyrio o premio gozas,
Que aos escolhidos seus o Eterno guarda,
Mas eu perdi-te, eu misera deploro
Em total orphandade a falta tua!
Dous annos, e não mais, sobreviveste
Entre dôres mortais, pranto perene,
Ao mortal virtuoso, a quem te unira
Laço eterno de amor santificado,
Gememos juntas, juntas padecemos.
Quantas vezes chorando me dizias
Que só por mim a vida alimentavas!
Mas pode mais a dôr . . . Oh dôr! oh morte!
Que em um lago de penas me arrojaste!

Pais amados! objectos sempre caros,
Sempre existentes para recordar-me,
Dos bens perdidos a memoria acerba!
Junto ao throno do Altissimo prostrados,
Soccorros implorai da Divindade
Sobre a orphã infeliz, que lacrimosa
Os braços vos estende. Oh Deos piedoso!
Dai esforço e valor á alma minha,
Para dar cumprimento aos sãos conselhos
Que delles recebi, quanto possivel
Fôr á misera fragil natureza.

À MORTE

DE

D. MARIA DOROTHÉA DE SEIXAS MAIRINK.

(MARILIA DE DIRCÊO).

Essa belleza, que immortalisára
Do mais terno amador a accorde lyra;
Essa Marilia de Dircêo querida,
Cessou de respirar, já não existe!
Cerraram-se esses olhos poderosos
Que inspiraram tão doces pensamentos
Ao Vate delicado, e inda nas sombras
Da esqualida masmorra illuminavam
O coração e a mente attribulados
Da victima infeliz da prepotencia,
Onde instruido de amorosa industria *
Tinta e penna formou de especie nova,

* Sabe-se como elle queimava o páosinho da laranja
na luz da candêa, e com esta especie de graixa escrevia.

Para escrever á sua bem amada,
E com traços de fogo assim pintar-lhe
De seu infausto amor toda a vehemencia.
Foste amada, Marilia, e si o teu nome
A par de Laura e Beatriz resôa
No orbe litterario; si interessa
Teu destino aos mortais, a amor o deves;
O amor de um vate dá posteridade,
E inda mais si as desgraças o sellaram!
Dircêo o tinha dito, inda no tempo
De suas mais suaves esperanças,
Nesta lyra tão simples, tão sincera,
Tão cheia de conceito e de verdades!

Minha Marilia,
Si tens belleza,
Da natureza
E' um favor;
Mas si aos vindouros
Teu nome passa,
E' só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma
A mente e o peito
Do teu Pastor.

Foste linda, Marilia, foste amavel
Possuiste mil dotes agradaveis;
Mas, o tempo teria mergulhado
Nos abysmos do eterno esquecimento
Todos esses encantos, si os suspiros
De um vate apaixonado, modulados
Ao pathetico som da acorde lyra
Não tivessem teu nome eternisado.
A desventura aviva-lhe a memoria,
As desgraças de amor são mais tocantes;
Abailardo e Heloisa serão sempre
Objectos de piedosa sympathia.
Assim do teu cantor o acerbo fado
Se nos antolha, quando contemplamos
Nesse véo mortuario, que te envolve,
Na mudez dessa lousa, que te encobre
Aos olhos dos mortais, não á lembrança,
Que em quanto houverem corações sensiveis,
Amor e Poesia, os gratos nomes
De Marilia e Dircêo serão lembrados,
Seu amor e desgraças lamentados.

Á
SENTIDA MORTE

DO SNR. LUIZ AFFONSO ESCARAGNOLE

(OFFERECIDA A SEUS AMIGOS).

Olinta está no ceo, não jaz na terra.

(*Ecage, Epiccedio*).

Crepes sudarios, tochas funerarias!
Apparato funesto! oh! quão terrivel
Te apresentas á mente atribulada.
De chorosos amigos, que envolvidos
Contemplam nesses véos os caros restos
D'aquelle, que no mundo tanto amaram!
Digno objecto de tantas sympathias,
De lagrimas, de dôr e de saudade!
Onde consolações achar-se pode
A' perda de tão gratas esperanças?
Mocidade, saber, virtudes, prendas,
Tudo despojo foi da crúa mortel!
Ao tempo que dourados sasonavam-se
Em risonho florir da primavera

Fructos precóces de accurado estudo,
E a brasileira guerreira juventude
Qua a sciencia bebia em suas luzes,
Almo futuro á Patria promettia!
Hoje esmagada de pungentes dôres,
A perda choram de tão digno lente!
Rodeado de amigos e parentes,
De mil ternos cuidados assistido,
Tudo em vão; contra as forças da sciencia
Prevaleceu o mal, triumphou a morte;
A sentença cumpriu-se do destino.
Já não vêem esses olhos penetrantes;
Essa boca eloquente não prodiga,
Com suave expressão, lição proficua
A seus carôs alumnos; o compasso
Já não rege essa mão certa e firme,
Que nas linhas diversas que traçava
Os mais arduos problemas resolvia!
Tanto futuro, tantas esperanças
Ali dormem em funebre jasigo
Para sempre! . . Palavra inconsequente
Nos labios de um christão! Luiz não dorme
No silencio profundo dessa campa;
A terra só possúe seu envoltorio,
Sua alma radiante, sobre os astros
Remontou-se ao seu Deos, e ali e' roada

De luminosas nitidas estrellas,
Goza já entre os anjos, e entre os santos
O digno galardão que aos justos guarda ,
Na morada eternal o Ser Supremo.

Ternos amigos enchugai o pranto ;
Luiz está no céo, não jaz na terra!

A MORTE

DE UMA MENINA.

Como o cravo nacarado,
Inda no calix fechado,
De vérme infesto picado,
Desmaia, esmorece e caí;
Assim ao golpe violento
Da crúa morte ferina,
Tua existencia infantina
Evaporou-se em um ai!

Como o canario mimoso,
No verde ramo frondoso,
Diffunde canto amoroso,
Descanta as graças do céu,
Mas cahe ao golpe cruento
Do caçador homicida;
Assim, na aurora da vida,
Foste da morte tropheu!

Como a ceára florente,
Esperança renascente
Do cultor, que previdente
Espera o grão recolher;
Mas vêm rajada furiosa,
Seus trabalhos destruir;
Assim teu bello porvir
Se viu em flôr perecer!

Marilia, flôr de pureza,
Anjo de graça e belleza,
Quantos dons da natureza
Benigno o céo te dõou!
Tua candida meiguice,
Que os corações atrahía,
Tua innocente alegria,
Tudo a morte anniquilou!

Mas no gremio da ventura
Tu'alma innocente e pura
Goza já dita segura,
Que nada pode empecer.
Roga a Deos, que te chamou,
Piedade e consolações,
Para os tristes corações
Que deixaste a padecer.

À MORTE

DE

D. MARIA IZABEL DE VASCONCELLOS
BRANDÃO.

Como a flôr matutina, que se expande
Ao rocío da aurora crystalino;
Mas, por féro Aquilão despedaçada.
Deixa cahir as petalas, mimosas,
E o despojado tronco só presenta
Triste imagem de dôr, estrago e ruína;

Assim, Maria gentil,
Na mais bella flôr de Abril,
Curvaste a fronte infantil,
Da crúa morte ao furor.

Arfante Nave formosa
Fende as ondas magestosa ;
Mas parece desditosa
Em medonho sorvedor;

Assim teus dias tão bellos,
Cheio de amor e desvelos,
Qual tenue flôr entre gêlos
Murcharam em seu albor.

Candida Pomba, que o primeiro arrulho
Ao primeiro reclamo respondias
Do consorte fiel, que em terno arroubo
Suspiros por suspiros demandava
Co'os delirios da morte respondeste'
Aos de amor suavissimos delirios:

Virtude, graça, belleza
Te doára a natureza;
Quanta candura e pureza
Ornaram teu casto amor!

Teu coração innocente,
Apenas a chamma ardente
Sentiu da paixão vehemente,
Das palpitações de amor.

A ventura te sorria
Do esposo na idolatria ;
Mas a dura sorte impía
Recusou-te o seu favor.

A vida transitoria abandonaste
Por buscar outra vida mais segura ;
Mas n'um lago de penas emergiste
Pais, Esposo, e parentes consternados
Lagrimas, preces, votos te enviamos,
E nossos corações de dôr desfeitos.

Maria! oh alma querida!
Si para nós és perdida,
E's no céo esclarecida
Junto ao throno do Senhor.

E's brilhante e pura estrella,
Que encobre negra procella,
Mas no Empyreo clara e bella
Radiante de esplendor.

Lá da celeste mansão
Exalta a nossa oração,
Que o Deos que manda a afflicção
E' tambem consolador.

SONETO

OFFERECIDO, POR OCCASIÃO DA MORTE DE SEU
FILHO, AO EXM. SNR.

MARQUEZ DE OLINDA .

Abre as azas, archanjo glorioso,
Sobre as auras celestes te suspende,
Demanda a sacra estancia onde resplende
De Jehova o throno luminoso.

Dos seraphins em còro harmonioso '
Com transportes de amor a voz desprende;
Ao ser Eterno em holocausto rende
De pais afflictos pranto doloroso.

Hostia propiciatoria, si os clamores
Se escutam dos mortaes na eternidade,
Impetra um lenitivo á tantas dôres!

Um raio de esperança e de piedade
Sustente os peitos seus contra os rigores
De tão atroz, e perennal saudade!

QUADRAS.

Amor é um prazer,
Amor é um tormento,
Dá vida em um momento,
Em outro faz morrer.

Seus mimos, seus agrados,
São cheios de veneno ;
Por um prazer pequeno
Dá annos de cuidados.

Oh peitos, que inda isentos
Viveis do seu farpão ;
Fugí da ingratição
Aos tiros fraudulentos.

Promessas, prantos, votos,
São filhos da impostura,
Varia, fallaz ternura
Os deixa logo rotos.

Já de meu terno pranto
Foi doce encanto amor ;
Hoje trocado em dôr
O tem de dôr desfeito.

Quando do objecto amado,
Os votos escutava,
Minh'alma se enlevava
N'um gosto imaginado.

Eu era a sua vida,
Eu era o idolo seu ;
Como attestava o céu
Essa alma fementida!

Deposito innocente
De dólo e de impostura,
Que exprimes a ternura
De um impio que a não sente!

Que vezes, transportado
De gosto e de paixão,
Meu terno coração
Teve-te a si unido!

Que beijos, que caricias
Te prodiguei amante,
Julgando, delirante
Em ti minhas delicias!

Na perfida expressão
De um'alma sem ternura,
Cevei minha loucura,
Nútri minha paixão.

Em scenas de prazer,
Em grata companhia,
Si o barbaro não via,
Sentia-me morrer.

N'um ermo o mais agreste,
N'um cerro desabrido,
Si o visse a mim unido,
Gozára um bem celeste!

Sim, perfido, eu te amava
Mais do que a vida minha;
Prazer em ti só tinha,
Por ti só respirava.

Mas hoje te detesto ;
Teus votos já não prezo ;
Desprezo, e só desprezo
Te juro, te protesto.

Foge, infiel, traidor,
De ingratidão exemplo ;
Que indigno te contemplo
Até do meu rancor.

INDICE

Meus benevolos leitores.....	1
Aos meus concidadãos.....	3
A' Patria (<i>Ergue o collo, ó Patria amada</i>).....	5
Nesta triste e forçosa soledade (soneto).....	10
Fui ao Templo de Gnido (motte).....	11
Torna a mim, torna sonora (minha lyra).....	14
Si amor não se explica (lyra).....	17
Vai-te, amor, deixa-me em paz (motte).....	19
Caras letras, thesouro inextimavel (soneto)...	22
O meu terrço coração (motte).....	23
Bate, Cupido, as azas (motte).....	26
Vôa suspiro meu, vai diligente (soneto).....	27
Tu bem podes em segredo (motte).....	28
Instantes afortunados (quadras).....	31
Penosos cuidados (lyra).....	33
Ouvi, serranos (retrato).....	36
Da terra cabi no chão (motte).....	39
De longo suspirar atenuado (soneto).....	40
Porque meu peito (lyra).....	41
Neste fresco umbroso valle (endeixas).....	43
Sólta teu manto escuro, ó noite amiga (noite 1.ª)	47
Cansados suspiros (lyra).....	50
Ah, meu bem, como é doce, como é bello (soneto)	52
Ninguem nos vê, meu bem (lyra).....	53
Amor, perdoa a confiança (uma mensagem)...	55
Dizem que amor tem doçura (quadras).....	58
De violentos contrastes embatido (soneto).....	61
Ternos ais em sangue tintos (motte).....	62
Suspiros do coração (quadras).....	65

Já na celeste abobada scintilam (noite).....	67
Meo coração palpita acelerado (soneto).....	70
Corre, corre, fonte clara (motte).....	71
Meu bem, escuta (a saudade).....	74
N'uma tarde fresca e bella (á tarde).....	77
Vem surgindo a rubra aurora (quadras).....	81
Que fará o meu bem, o meu amado (soneto)..	86
Derrama já, ó Phebe (noite).....	87
Tirse, teus lindos olhos feiticeros (soneto)....	90
Instantes afortunados (motte).....	91
Vivo, sim: mas como vivo? (motte).....	93
De atras nuvens os céos turbados vejo (cantata)	96
Amor, ai! basta amor (ais).....	98
Fulgente estrella influio (quadras).....	100
Que fazes neste retiro (a rôla e o passageiro)..	106
Vinte vezes a esphera tem dourado (soneto)...	108
Penas, cuidados, tormentos (motte).....	109
Tu que tens, meu coração? (lyra).....	112
Amada solidão! (o antro da tristeza).....	114
Loiro nume, eu te cedo o dom funesto (soneto)	119
Dos meigos olhos teus na azul esphera (soneto)	120
Já rompe a aurora (hymno á manhã).....	124
Oh noite! dos mortaes consoladora (noite).....	124
N'um vergel florido (anacreontica).....	130
Em gruta sombria (lyra).....	134
Eulalia, caro objecto (á uma amiga ausente)....	133
Que o primeiro sorrir da nivea aurora (soneto).	138
A innocencia, a helleza, a sympathia (glosa ao soneto).....	139
A noite se avizinha (noite).....	146
Porque a tua lyra (missiva).....	150
Não se calou a lyra (resposta da autora).....	155
No instante em que nasci (motte).....	160
Musico dos bosques (o canario preso).....	163
Sonhei que via uma estrella (sonho).....	167
Tudo dorme, ai de mim! tudo resente (soneto).	169
Oh nympha do loiro Tejo! (a um dia natalicio)	170
Grande Deos! porque motivo (motte).....	172
Raça infernal de Calvino (glosa).....	175
Se consiste o atheismo (o mesmo em resposta).	178
Com que fina habilidade (quadras).....	181
Recebi, terno Belmiro (resposta).....	183
Doce lembrança de um amor ausente (soneto)..	188
Elmira, a tua censura (a Elmira).....	189

INDICE.

III

Ora vamos, minha Elmira (á mesma).....	195
Erguei-vos, portas eternas (a um baptisado)...	198
Natureza, não sou contigo ingrata (soneto).....	201
Oh somno agradável (lyra).....	202
Solta embora, ó Fortuna! aurea madeixa (soneto)	204
Já começa a raiar a rôxa aurora (a ausencia)...	205
Agora que em silencio a natureza (sepultura de meu Pai).	211
Lousa da morte, que em teu seio encerras (nenia)	214
Essa belleza, que immortalisára (á morte de Ma- rilia de Dirceo).....	217
Crepes sudarios, tochas funerarias (á morte de Escaragnole).....	220
Como o cravo nacarado (á morte de uma menina)	223
Como a flor matutina, que se expande (á morte de D. M. I. de V. Brandão).....	225
Abre as azas, Archanjo glorioso (á morte do pre- zado filho do Exm. Snr. Marquez de Olinda)	228
Amor é um prazer (quadras).....	229



ERRATAS.

PAGS.	LINIAS.	ERRATAS.	EMENDAS.
43	Linha 4. ^a	duro	puro,
68	Ultima linha	Si	Só
72	3. ^a decima 6. ^a linha	Fujiu	Fugio
87	Epigraphe 3. ^a linha	gli occhi	gli occhi.
105	Ultima quadra 1. ^a linha	formadas	firmadas
139	8. ^a oitava ultima linha	E's mais	Mais
143	Decima strofe 2. ^a linha	descarregaram!	desarraigaram!
163	Epigraphe 2. ^a linha	angeiino	Angelino
173	7. ^a linha	o fizeste	fizeste
192	1. ^a linha	Podes	Pode
193	2. ^a linha	patente	potente
205	8. ^a linha 1. ^a oitava	pode	pôde
207	Ultima oitava 2. ^a linha.	tanto sor- prehende!	tanto te sur- prende!